

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE FEVEREIRO DE 1901

N.º 50

## Conselheiro Thomaz Ribeiro

FALLECIDO EM 6 DE FEVEREIRO DE 1901



*Thomaz Ribeiro*

# THOMAZ RIBEIRO

Com um simples livro de versos, Thomaz Ribeiro abriu carreira. O *D. Jayme* foi o ponto de partida de todo o seu progresso pela vida adiante, de toda a sua ascensão social. O poeta provinciano fez-se homem do mundo, o mundano fez-se político, parlamentar e estadista. Contudo forçado é dizer que nunca existiu poeta que melhor pusesse a sua *griffe* em toda a obra do seu talento, em todas as modalidades do seu *eu*, em todas as manifestações da sua vida. Fiel à índole artística, fidelíssimo à poesia que era o seu culto, fez d'essa fidelidade o seu braço, e todo o tra-



Casa onde falleceu Thomaz Ribeiro

balho cerebral da sua existência, que não foi relativamente curta, brilha e triunpha entre estes polos extremos: o *D. Jayme* e o *Mensageiro de Fez*.

O cego vidente que se chamou Antonio Feliciano de Castilho de tal maneira se deixou atrair pelo estro arrebatado e patriótico d'esse poeta de 25 annos, que fôra buscar ás pittorescas margens do Pavia e do Mondego as mais fundas inspirações da sua lyra vibratil, por tal fôrma essa nova musa seduzia e encantava o seu espirito aberto a todas as inovações da fôrma e a todo o lyrismo do sentimento, que essa famosa *Conversação preambular* era ao mesmo tempo a glorificação de um poeta que vinha fulgar na constellação das letras patrias e um áletra de batalha, um brado de guerra contra os revolucionarios auzades, os temidos iconoclastas que a golpes de analyse e de critica pretendiam derribar tudo o que era acceito e consagrado. Raggada a campanha, ferida a batalha, delimitado o campo dos aguerridos combatentes, o *D. Jayme* sahio da mais violenta refrega litteraria que se tem dado em Portugal, limpo, invulneravel. Continuou a ser, depois dos *Lusiadas*, o canto mais inspirado do patriotismo nacional, e as bellas e suggestivas figuras que n'elle se moviam representavam, na imaginação popular, symbolos vivos e eloquentes da velha, da sadia, da forte, da nobre raça portugueza. Em vez de apoucal-o, a campanha litteraria deu-lhe lustre e popularidade. Poetas que cantassem o sol de Portugal, as mulheres, o amor, os rios, as montanhas, o aconchegado torrão portuguez, muitos tinham florescido e triumphado na terra portugueza. Artistas que tivessem posto mais rendilhados na fôrma, que tivessem dado mais brilho, ou como agora se diz, mais parnasianismo á locução poetica, não seria difficil encontral-os. Revolucionarios da idea, que em versos cheios de intenção e de valentia agitassem n'um momento a alma popular, existiam por certo, e menos raras ainda eram aquelles insignes buriladores da fôrma, que com vestes e enfeites portuguezes adornam o espirito estrangeiro e tão bem o nacionalismo que o fazem parecer nosso, exclusivamente nosso.

Mas um homem novo, um rapaz de figura captivante, um dos mais formosos exemplares da triumphante mocidade, que comigo traz apenas a robustez, a força e a confiança dos filhos da Beira, e conjunctamente uma carta universitaria, mas um poeta moço, confiado e ardente, que vem entrar na liça todo entranhado em amor pela terra portugueza, que vem consagrar á patria, ao amor do nosso torrão tão fresco e tão florido, á contemplação pantheistica da nossa natureza peninsular, ao respeito pelas qualidades masculas da nossa raça, á admiração pela grandeza do nosso passado, um poeta que as mulheres começam a adorar, e cujo tracto, e cujas maneiras abrem um cortejo de sympathias pessoasas, esse homem, esse poeta, é evidente-

mente n'esse momento um predestinado, como hade ser amanhã uma legitima gloria.

E d'esta vez justo é confessar que os oraculos não se enganaram Com essa chave de ouro, com o *D. Jayme* na mão, não houve porta que á vontade do poeta se não abrisse. Quiz honrarias e teve-as, quiz ser ministro e honraram-se em chamal-o para os conselhos da corôa os que lhe mediram o talento pelo brio de bem servir a sua terra.

Foi o que no seu paiz quiz ser, muitos livros escreveu ainda, levou a vida inteira a phantasiar e a poetar, o estadista cedeu sempre o logar ao poeta, mas esta supremacia artistica não era só a sua gloria, era tambem o seu timbre. E seria deficiente e falha a estatua que lhe levantassem se lhe não puzessem como remate e como corôa o livro do seu coração, o mais bello grito da sua alma, a obra prima do seu espirito: o *D. Jayme*.

## O ULTIMO ARTIGO DE THOMAZ RIBEIRO

Já o minava a doença que o matou, quando algum d'esta redacção foi pedir a Thomaz Ribeiro que escrevesse um artigo d' respeito de Antonio Feliciano de Castilho, para o numero em que o *Brasil-Portugal* commemorava o centenario do grande poeta.

Thomaz Ribeiro com difficuldade, pelo seu estado de saude, o escreveu. Foi o seu ultimo artigo. De então para cá a doença mal o deixava desempenhar o seu logar de presidente da Junta do Credito Publico, e Thomaz Ribeiro, com o seu artigo a respeito de Castilho, fechou brilhantemente a sua gloriosa vida litteraria.

Transcrevemos os primeiros periodos d'esse artigo, reservando-nos para no proximo numero prestarmos completa e devida homenagem ao grande vulto.

Apoz cem annos, quando se foi grande, a humanidade culta vai levantar nos despojos da morte um simulacro de vida para as grimpas dos centenarios. Ha quem tenha por eternidade a consagração d'esta homenagem. E' um engano, mas é uma saudação — *Surgam corda*; — achou-se isto nos livros sanctos. — *Sus!* — é uma invocação generosa; infelizmente não é uma verdade. Coração que morreu, morreu. Por mais que se invoque, elle jaz; por mais que se chame, não ouve. Contado — *Surgam corda* — é a invocação posthuma da admiração, do bequequer, da apothose. Ha vislumbres d'amor e sentimentos de divina essencia na invocação que tenta resurgir, que nunca devera morrer, mas a morte que passou, extinguiu. De grande morto, porém, ficou immemorial — e quer se encontrem, no claustro de Sant'Anna, os ossos de Camões, quer se procurem debalde os registos de Homero em todas as cidades da Grecia, o grande, á proporção do que mais se extingue no esvaecer da humanidade, mais se elevanta na apothose da sublimidade. Não somos demasiado altaneiros e facil nos é chamar — eternamente — aquillo que é fugitivo, mas cumpre a cada qual dar o que tem e satisfazer o que pode.

Completa-se hoje um seculo, desde que veio ao mundo um dos



O carro mortuario

maiores homens de Portugal, um dos maiores astros das nossas letras. E como eu hei de já agora persistir, tendo sempre na phrase das minhas afirmações o conceito da minhas convicções, tive sempre Antonio Feliciano de Castilho, poeta, entre todos os poetas que honraram Portugal.

Se Castilho vivesse e visse a phrase que deixo escripta e creceei quanto podia, tentaria evitar que a escrevesse; tantas vezes me exaltou as grandezas de Herculanu e de Garrett; e eu em nada sou inferior á admiração dos seus grandes merceditos.

Bem sei; mas elle já não vem nem ouve. Eu devo-lhe muito. Até me fez academico. Elle! foi elle. Quando soube da honra que me era conferida, em vez de ir vizitar a Academia fui vizital-o a elle e agradecer-lhe.

Não tentem afastar Castilho e honremos devidamente esta formosa trindade. Além fica já Bocage; (e deveu-se aos Castilhos a sua estatua); sinto não o vêr já n'esta constellação tão brilhante.



# Carnaval!





# O CARNIVAL EM LISBOA

Onde estás tu, ó Carnaval de outros tempos, legítimo proprietário da Fantasia, do Paradoxo, da *Blague*, do Chiste, da Troca, da Chacota, e de outras provincias do Riso? Onde te alapardas tu, ó Entrudo de outras eras, enfiado, branco como o chapéu pyramidal de Pierrot?

Ah! Não queremos emprehender a histologia profunda das causas secretas

*Estas as festas são, que não alludo, Fôra o mais que não digo e dou por dado A Vossa Mercê, agora por entrudo. (2)*

Por essas ruas dansava-se, ao som da viola, o oitavado, a fôfa, o fandango e as cheganças ás tres pancadas. E os casquilhos de espadim e capote branco, lavado em Odivellas, (3) faziam das ruas.

O carnaval do meiado do seculo findo apparecia-nos como uma senhora coitanea, toda crepitante de sedas e toda perfumada de cheiros complicados, um raminho de rosas do Japão ao peito, o penteado á Sévigné, mordido pela scintillação crua dos brilhantes, a physionomia esperta, os olhos astuciosos e liquidos rindo por detraz dos crystaes do nervoso *lorgnon* de tartaruga marchetado de ouro, e, na bocca, aquella suavissima curva espirituosa que uma phrase mordicante, entre duas retenciacões, impunha aos labios.

O do alvorecer do seculo xx apparece-nos como uma franduna ultrajosamente esbagaxada e ornada de pedras apocryphas, que vae pedir aos fadistas o cynismo do seu calho, a sua linguagem crapulosa e molle, e ao vinho tinto a sua graça espirituosa. Se a primeira tinha jus á estima outorgada a todas as pessoas de sociedade, a segunda merece apenas aquelle sorriso, que, na boniteza e expressão de Catulle Mendès, é a cortezia do desprezo.

Inventariar o arsenal de guerra de que dispunha o luctador entrudesco, seria encargo difficil. Nas batalhas em defeza de Momo empregavam-se os tremçoos, os feijões, o grão de bico, os ovos de gomma, os de farinha, os de gesso e os de areia, as cacabinhas e os corações de cera pintada com agua de cheiro dentro, os papelinhos picados, os cartuchos de pós de gomma, os pós de sapatos, as batatas, as laranjas, os talos de couve, e até os pucarinhos de barro, os tachos, os alguidares e os fogareiros. *Excusez du peu*, como diria Rossini. Das janellas deixavam-se cahir luvas cheias de areia, que vinham rebeitar os sombreros-altos dos *ginjas* pacatos, harto assombrados pelas gobedadas que os visavam. As seringas an-



da tua decadencia... Não queremos dessecar os motivos reconditos do teu desperdecimento...

O *intrudo* — como classicamente lhe chamavam nosos avós —, cujo prato de resistencia se cifra na *papa de intrudo*, foi, durante o seculo XVII, uma bacchanal de epilepticos, que os dois sonetos seguintes daguerreotypam com mais nitidez do que o fariam as photographações bellissimas de Nadar ou de Reutlinger:

*Filhós, fátias, sonhos, mal assadas,  
Gallinhas, porco, cacca e mais carneiro,  
Os perús em poder do pastelleiro,  
Espiquiar, deitar pulhas, laranjadas.*

*Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,  
Gastar para comer muito dinheiro,  
Não ter mãos a medir o taberneiro,  
Com restas de cebolas dar paucados.*

*Das janellas com tanhos dar na gente,  
A buzina tanger, quebrar panellas,  
Querer em um só dia comer tudo,*

*Não perdoar o arroz e cuscús quentes,  
Despejar pratos e limpar tijeilas,  
Estas as festas são do gordo entrudo. (1)*

*Fazer sonhos, filhós e lançar pulhas,  
Fazer buzinas, apodos ás golpêllas,  
Laranjadas e tanhos ás molhêllas,  
Cosar rabos nas velhas com agulhas.*

*Dar mil esguichadellas, fazer bulhas,  
Enfarinhar os rostos e as gadelhas,  
Minuetes danar, fazer parelhas,  
Erincando com os moças em patrullhas.*

*Andar como um boneco mal fardado,  
Parcer mais basbaque que seúdo  
Metendo a bizarrria ao descambado:*

*ciem régime,  
cheias de  
agua de flor, de  
agua chilra ou de  
liquidos... que não  
poderiam figurar nos  
vaporizadores de toilette,  
manobravam ligeiras, abriam  
brecha nas hostes dos assal-  
tantes, como canhões de tiro ra-  
pido servidos por artilheiros ladi-  
nos. Os tubos de vidro, carregados  
de legumes, desfechavam-se á queima-  
roupa como bacamartes carregados de za-  
galotes. Os rapazes sentiam os prodromos da  
demencia no cerebro, e os janotas do Chitado ju-  
ravam, novos Harmodios, combater pela liberda-  
de... carnavalesca. A multidão não podia evitar o  
ataque de epilepsia que a agitava dos pés á cabeça, como a cor-  
rente desenvolvida por uma pilha de Volta. Os donos das casas  
apercebiam-se para o combate, de muitas janellas se tiravam pu-  
dentemente as vidraças, o Marrare forrava os vidros com taboas.*





ESQUIVA

— Mas, porque se faz escurva?!  
Escute-o, diga-lhe sim.  
Eu era menos altiva  
Se elle me quizesse a mim.

É um galanteador  
Que diz lindos madrigaes.  
Não acha, querido amor?  
— Acho. Acho-o um tolo a mais.



A' porta do *Tocoso* foliava-se delirantemente; ás portas da Levallant, da Alíne e do Marrare de Polimento, a janotagem sustentava nutrido fogo para as janellas da Lombro, do alfayate Yang, do cabelleiro Baron, onde a formosa Madame Baron servia de alvo, e para as da modista Levallant, onde a linda Mademoiselle Pauline, sobrinha d'esta ultima, constituida o ponto de mira dos olhares cupidíneos da buílica mocidade. A' testa dos novos — como se diz no jargão periodístico de agora — estavam D. João de Menezes e João de Aboim, dois rapazes em cujas luvas de velludo se encontravam mãos de ferro.

N'esta quadra de joelhos, temperada pela benéfica gymnastica do pugilato e pela dialectica convincente do muro, fervilhavam casos, que hoje se diria terem vindo ao mundo envoltos nas aureas toalhas de sonhos do haschich. No entrado de 1845, uns poucos de rapazes do tom, levando á frente o filho do conde de C., deram um assalto em regra á casa de umas dansarinas que moravam no Chiado. Empregaram mais de oitocentos ovos de gemma, innumeraes laranjillas de cera com agua de Colonia, muitas alçóias de tremoços, e estalinhos sem conta. As raparigas defenderam-se valentemente, mas, acabadas as munições competentes, recorreram á despesa, e atiraram com cebolas, batatas e alho. Por fim, esgotadas as armas de arremesso, os assaltantes encostaram escadas ás janellas, por onde entraram ruidosos como um bando de gafanhotos, e as dansarinas tiveram de capitular.

Os artigos da capitulação foram dois: 1.º Que dariam uma ceia aos assaltantes; 2.º Que dansariam até á meia noite.

A' hora marcada, foi servida a ceia, em que o incendio dos vinhos de sol sobredorou os copos floridos e inebriou a alma das dansarinas — pyraustas que crestaram as azas na chamma vermelha do amor. E os vencedores esqueceram-se nas delicias de uma Capua inteiramente amavel!

Passados poucos annos, o visconde de Asseca — o Salvador, como todos o conheciam —, pae do actual, desafiou para um combate de entrudo a Antonio da Camara, depois conde de Carvalhal, e a quem então alcunhavam de *Trinta Diablos*. O visconde, que morava ao principio das Janellas-Verdes, onde agora está uma fabrica de serracho, aterrorizou o portão, encobrou as grades das portas por onde poderiam trepar, e aguardou o ataque dos contrarios, que compareceram com uma pontualidade ingleza. Trouvou-se a escaramuça preliminar com ovos de gemma, pós de gomma e cabacinhas de cera. Em seguida, assentou-se a artilheria de sitio, representada por uma bomba de incendio, que os aguadeiros iam enchendo de agua. Como esta, por ser limpa, não intimidasse os assaltantes, o Chico Bellas, que, de roupa de linhagem até aos pés, fora incensavel durante a refrega, correu a buscar pós de sapatos e deitou-os na agua da bomba. Francisco Correia de Sá, tio do visconde, atravessou a banca n'uma janella como se fora um escudo, e aguentou, por algum tempo, o negro jacto, até que por fim, apinhado em cheio,



largou a banca, a defez enfraqueceu, e a praça foi tomada. No momento em que um dos atacantes, o ar. D. Luiz da Camara Leme, acabava de galgar uma das janellas, sentiu-se agarrado por duas senhoras e lançado para uma tina de agua! Uma das grandes batalhas carnavalescas foi a que se empenhou entre o celebre tenor Mongini e as janotas. Habitava elle um segundo andar do largo do Loreto, por cima da actual ourivesaria Leitão. Os pandegophilos militantes do Chiado — entre os quaes estava o Silva Canellas — vieram devidamente municiados, seguidos de uma rédua de gallegos, sobraçando cestos de ovos, e postaram-se deante da casa do Mongini, que, em companhia de sua mulher, atirava ovos com uma força athletica e uma desenvoltura acrobatica, e emittia o do de peito... do denodo. O Pimenta, re-

gedor do Sacramento, deu ao diabo a cordada e telou em apasquiar a contenda. Mas, *le pauvre homme!* viu a sua authoridade acabada, amarralhada, e teve de retirar-se em boa ordem, litte-ralmente besuntado de gemmas de ovos!

Nos bailes publicos dansava-se furiosamente: no Baile Nacional, á Guia, piruetava o mundo da costura e polkava distintamente uma creada miúda da marquesa de Vianna; na Floresta Egyptica, estabelecida na casa do morgado da Alagôa, á Fabrica das Sedas, o catismo dos balões da Baixa executava a ronda do *sabbat*. Terpsychore tinha culto idolatra nas tertulias e nas academias: na empumada Thalia, na Assembléa Lisbonense, na Academia Phylarmonica de Manoel dos Contos, na Phylarmonica Lusitana, na Melpomenense, na Recreação Phylarmonica, no Club do Carmo. Em S. Carlos delirava-se nas tres noites de Carnaval. No domingo gordo de 1853, representando-se o *Barbeiro de Sevilha*, o Bartolini fez diabruras incriveis, quebrou o piano e enfiarroucou a cara da Ersilia Agostini, e os espectadores da plateia cantaram todo o segundo acto da opera. Os bailes de S. Carlos nunca tiveram, nem podiam ter, o brilhantismo dos da Opera de Paris, sobredito no Segundo Imperio, quando Grammont-Caderousse era o *leader* da mocidade doirada pelo processo Ruolz, e *la haute fête* era presidida pelas aristocratas da galanteria vernal, graduadas em divindades, que Julia Barucci, Anna Deslonses, Branca d'Antigny. Nos bailes de S. Carlos, porém, encontravam-se as mulheres em cujas gargantas retiniram os ultimos guizos da nossa alegria carnavalesca; deparava-se com a intriga almeicada de biombo, a ironia embainhada em phrases acamurçadas, o dito que furava as vaidades como um alfinete fura um ballosinho cheio de gaz hydrogenio, o sorriso espiritoso em labios fempinos — flor viva de coração de opalas —, tudo desaparecido já sob a fulgêre do tempo: Antonio da Cunha Sotomaior — o principe da Cunha, Bulhão Pató, Sant'Anna e Vasconcellos — de heroica memoria, José Vaz de Carvalhal, D. Alvaro Romo, os intellectuales *racés*, os reis do *biceps* e os que faziam calhar e chuva de Jupiter nas recamaras das Da-



naes benevolas, frequentavam os bailes do theatro lyrico.

Se do carnaval publico transitamos para o das casas particulares, ainda mais pronunciadamente se accentua o decadentismo. Os bailes das Laranjeiras, a que o conde de Farrobo sabia dar a obr azal do ideal, os bailes do marquez de Vianna, a que uma fada parisiense traxa o prestigio elegante do seu *tailman*, os bailes da baroneza da Regaleira, a que assistia um *Tout-Paris* *bonné* *tir sur le violet*, os bailes do conde de Carvalhal, que constituia o *clou*, segundo o lexico consagrado, os bailes do conde de Penafiel — no palacio dos Correios-móres, aos Caldas —, onde fluctuava, por assim dizer, a poesia do luxo, ah! esses bailes empararizados nunca mais tiveram succedaneos, nunca mais!... E a sua recordação subsiste na memoria dos antigos, como no fundo do frasco subsiste o perfume do ether volatilizado.

Em 1878, os novos paladinos da Folia tentaram resuscitar o Lazaro amortalhado do entrudo, e, para esse fim, importaram algumas novidades parisiensistas para S. Carlos e fizeram uma nova edição incorrecta das luctas titanicas do Chiado. A penna sempre humida e desenferrujada de Pinheiro Chagas escreveu então um folhetim no *Diario da Manhã*, em que apositadamente beliscava a filancia dos pretensos innovadores e a ignorancia parva do indigena, mollecularmente refractario ás infiltrações do espirito gaulês. Nos carnavaes immediatos, o immoralizador basbaque lisbonense esperava sempre a passagem das grandes mascaradas saltitantes, ruidosas como o palmeaz das hespanholas nas seguidilhas, mas tinha de se contentar com as dansas pelintras da Bica e com os mariolas deploravelmente disfrazados em *chêches*. A penna



percuente de Ramalho Ortigão, commentando os desenhos de Bordallo Pinheiro — esse Juvenal do lapis, dizia no *Antonio Maria* de 1881:—“Imprudentes e desgraçados, nós deixamos perder a tradição patriótica da antiga pulha nacional, o bello pó de mico, o coscorão de estopa, o ovo, a farrusca da chaminé e o nunca esquecido, o sempre chorado rabo leva. Perdemos tambem o uso saudavel da palavrada cambronica, de rigor n'esta epocha do anno, entre as pessoas da sociedade mais escolhida e mais culta. Era uma especie de pornographia gorda, cultivada com ativez pelas damas da nossa velha aristocracia. . . A nossa galhofa acabou. . .” como foi. Ainda a rapaziada do *Salsa's Club* pretende galvanisar o cadaver bichoso do velho entrudo, mas baldou o trabalho.

Se o carnaval de Roma tinha a preferencia de Goethe e o de Veneza a de Lord Byron, o de Lisboa só poderá ter a preferencia de . . . Mr. de la Palisse. “Os povos tem sempre as quadrilhas que merecem”, escreveu o espirituoso jornalista Henri de Pène no tempo de Napoleão III. Talvez se possa dizer outro tanto do carnaval.

O *dandy* parvonez imagina que o seu snobismo anglo-mundano, a gravidade prudhommesca do seu collarinho 1830 e o symbolismo da sua gravata dogmatica, estabeleceram incompatibilidades insuaveis com o nariz postiço e com a chalaça nacional, temperada do perretil da graça estimulante, sem travo de joio. Submettido ao regimen patétocratico da Lisboa *qui s'amuse*, não se sente disposto

á galhofa, porque ella pôde romper-lhe o aprumo teso de empalado, macular-lhe o fato de chevot, e affrouxar-lhe os zygmaticos, provocando assim a queda do monoculo torturante da arcada superciliar. O antigo combatente nas pugnas carnavalescas morreu, sem que voltasse a apparecer quem partilhasse o imperio d'esse Alexandre. Como Turenne em Salzbach e como Desaix em Marengo, ficou sepultado no seu triumpho. E o chiste de luva branca inamovivel foi substituido pelas chulices tabernaes buzinadas das varandas dos clubs do Chiado.

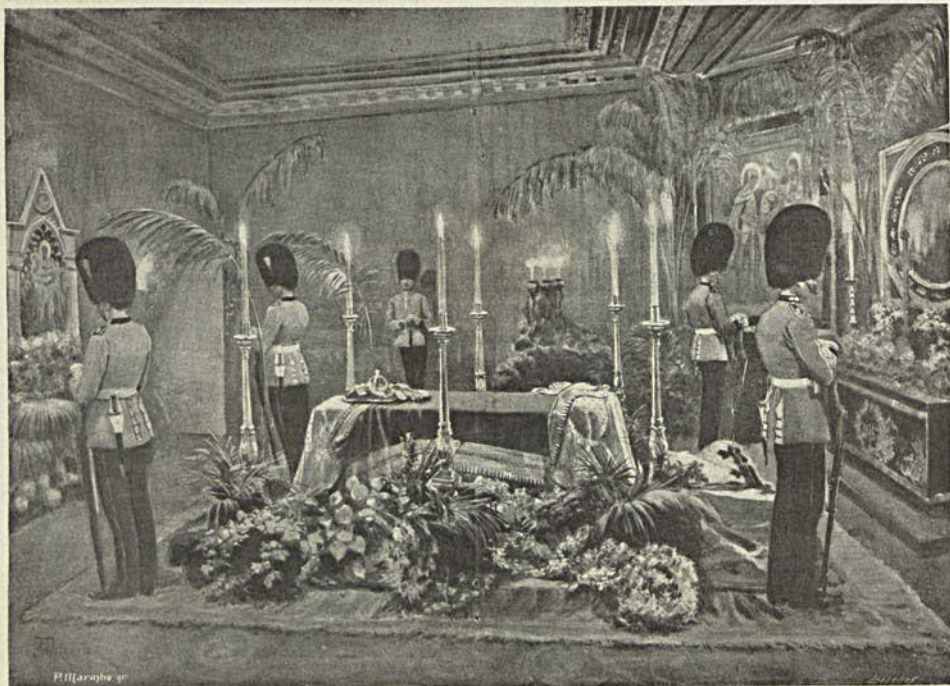
O Entrudo portuguez — cujos feitos epicos commoviam a chronica — abastardou-se, perdeu a linha castiça, a tradição de elegancia e de luxo, o arrojio picante, a espiritualidade e a finura de outros tempos. *Laudator temporis acti*, dir-nos-hão. Quem sabe? E possivel que nada mudasse, e que a saudade do passado e a desillusão immanente das coisas façam com que o pessimismo nos toque da caricia fatal da sua aza. Comtudo, quer-nos parecer que . . .

PINTO DE CARVALHO (*Tinop*).

- (1) M. Bernardes Branco. *Portugal na epocha de D. João V.*  
 (2) Bibl. Nac. de Lisboa. *Manuscriptos Fombalinos Colicæ. 130.*  
 (3) *Theatro de Manoel de Figueiredo. Tomo 14.*



## A morte da Rainha Victoria



A CAMARA ARDENTE N'UMA DAS SALAS DO PALACIO DE OSBORNE



## OS SOBERANOS INGLEZES

O novo Rei da Grã-Bretanha, Imperador das Índias, Alberto Eduardo, ex-Príncipe de Gales, tomou o nome de Eduardo VII. Sob o throno com perto de 60 annos, pois nasceu a 9 de novembro de 1841. Tem os titulos de Duque de Saxe, Príncipe de Saxe Coburgo Gotha, Duque de Cornwall e de Lothsay, Conde de Chester, Conde de Carrick e de Dublin, barão de Renfren, lord das Ilhas, etc.

Coronel desde os 17 annos e cavalleiro da Jarreteira, fez longas viagens durante o reinado de sua mãe. Em 1859 visitou a Italia, a America em 1860, a Alemanha (1861); a Austria, o Egypto, a Grecia e a Turquia (1862), França, no mesmo anno, sendo recebido por Napoleão III em Fontainebleau.

A sua grande viagem foi a de 1875 á India, visitando no seu regresso, em 1876, a Hespanha e Portugal; e em Paris tem estado diferentes vezes, demorando-se bastante, como em 1878 durante a Exposição, onde foi o presidente da secção ingleza.

O novo rei é um verdadeiro *gentleman*, de uma grande affabilidade no trato social, de uma gentileza inexcusavel com as senhoras.

Em Paris tem grandes sympathias que a tensão de relações diplomaticas entre os dois paizes nunca conseguiu dissipar. A elle se attribue esta phrase entre um grupo de homens de letras e de actores, uma noite que estava no camarim de um actor em voga: — Que seria de nós, principes, se não existisse Paris!

O Príncipe de Gales tinha todas as canceiras e incommodos de Rei, sem reinar, pois representava ha muitos annos a Rainha Victoria em todos os actos officiaes. E nos intervallos presidia com uma assiduidade de funcionario zeloso, ao sem numero de associações desde a Maçonaria e a Sociedade de Geographia de Londres até á dos Cocheiros, e todos esses trabalhos dirigia-os elle com uma graciosa affabilidade.

Por isso tem no seu paiz uma grande popularidade que nada fica a dever á estima que o povo inglez tributava á falecida Rainha Victoria.

Em Lisboa, no seu regresso da India, esteve a bordo do transporte de guerra *Serapis*, barco que foi a admiração de todos pela sua impencia. No nosso Tejo, em sua honra houve então uma festa surprehen-



O rei Eduardo VII



A rainha Alexandra

dente, queimando-se vistossissimo fogo de artificio para o qual vieram expressamente pyrotechnicos inglezes. El-Rei D. Luiz offerceu-lhe no Paço um banquete e um baile. Outras festas lhe foram offercidas que o Principe agradeceu reconhecido, assistindo a todos, com uma unica excepção que elle apresentou logo — as touradas. Este espectáculo peninsular nunca o distrahiu.

O Principe de Gales costumava ir todos os annos fazer uma visita ao littoral francez, a essas esplendidas cidades da *Côte d'azur*, demorando-se sobretudo em Cannes onde todas as tardes, pela volta das 3 horas, elle dava *rendez-vous* á colonia ingleza no *patinor* do *Boulevard de la Croisette*, á beira do Mediterraneo. E era vel o ali então, primoroso de galanteria para com todas as senhoras que se faziam um dever em não faltar lá, uma unica tarde, e de affabilidade para com todos, inglezes e estrangeiros com quem conversava largamente, sem pretensão e com bom humor. As suas passagens repetidas em Cannes deram mesmo o titulo a um hotel, o primeiro e o unico que fica situado na parte mais alta da cidade — o *Hotel Prince de Gales*.

Rei, ha meia duzia de dias, tem já a prova de quanto era estimado nas manifestações entusiasticas de sympathia que a sua proclamação levantou já em todas as cidades do Reino Unido.

A nova rainha de Inglaterra, tem hoje 56 annos. De uma elegancia notavel, conserva ainda a belleza e a frescura dos seus vinte annos. É filha do actual rei da Dinamarca, Christiano IX, irmã da Imperatriz da Russia, viuva de Alexandre III, e irmã tambem do Rei da Grecia.

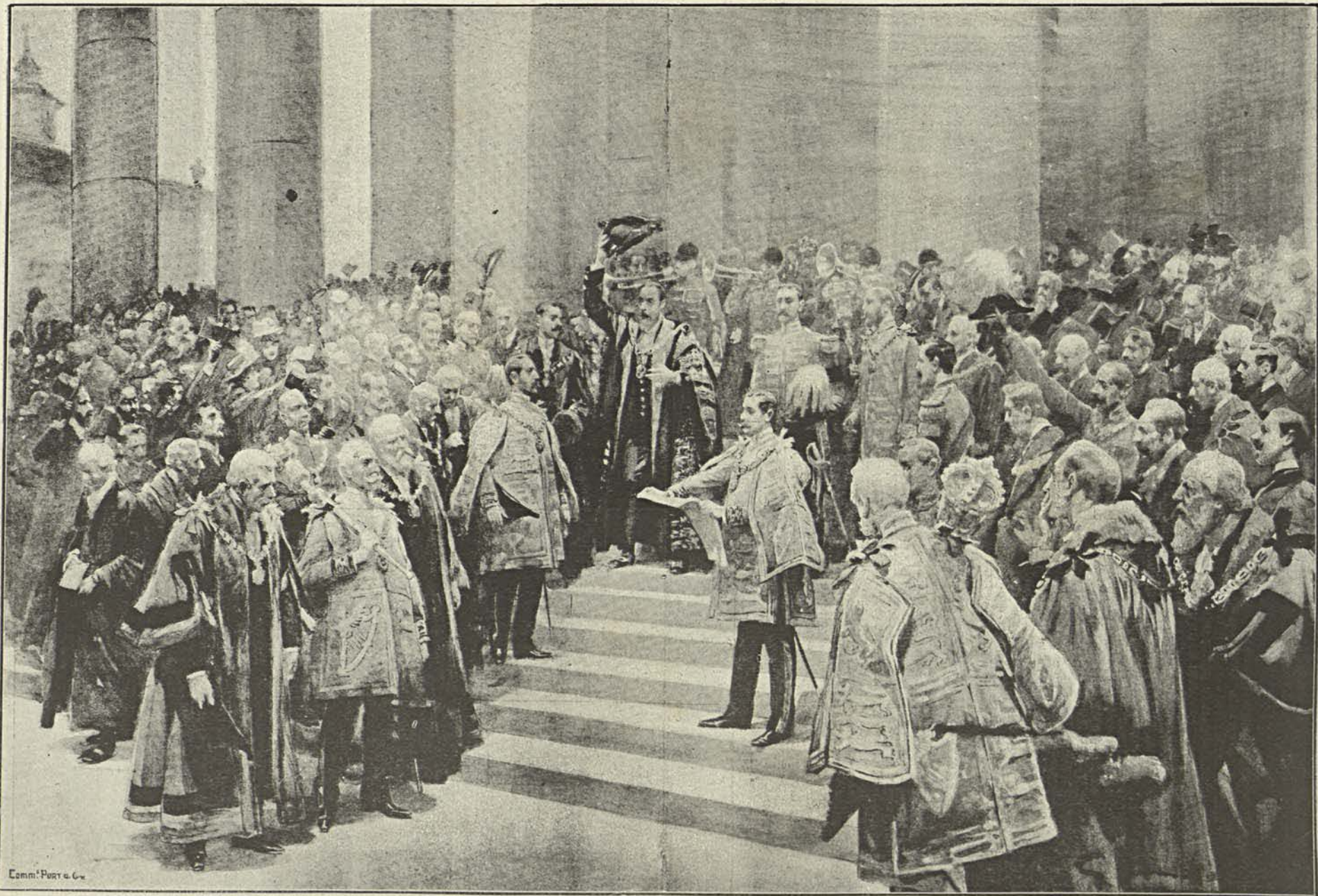
Esposa dedicadissima, mãe extremosa, foi uma educadora brilhante de seus filhos, merecendo da Rainha Victoria a maior estima.

A Rainha Alexandra Carolina Maria Luisa Julia nasceu a 1 de dezembro de 1844 e casou a 10 de março de 1863.

Tem um gozo artistico muito apartado que se distingue em todos os seus actos. Veste com uma elegancia e um primor inexcusavel; é uma gentilissima amazona, uma conversadora graciosa; uma mãe exemplar e será por certo como Rainha a Senhora mais distincta da Inglaterra.







Leitura da proclamação de Eduardo VII á entrada da Bolsa de Londres



# Historia do batel Vae com Deus

## e da sua companhia

### A MÃE



**C**RESTADA pelos temporaes e encardida pela desgraça, a mãe parece já velha e mirrada. Viu morrer todos os seus na barra, primeiro o avô, depois os filhos e o homem. Um a um foi-lhe o mar levando. Seccára-a a afflicção. Di-a-heis negra, de usada, de gasta pela vida e pela dôr: na cara tem sulcos de velhice e de lagrimas. Passou tudo — dôres, luctos e catastrophes; está affeita á fome e aos máos tratos. Quando o inverno não deixa ir ao mar a fome é negra.

— Má'raios partam o mar!  
 Quantas vezes correu a costa, afflicta, aos tropeços, bebendo as lagrimas e o cuspo do mar salgado, do amargo oceano, esverdeado de coleras! De saia pela cabeça, as magras mãos no peito, apontada do sul, ella lá ia, espreitando ansiosa se os bateis chegavam sem perigo.  
 — Quem lhe falta, tiasinha?  
 Sempre! sempre o oceano lh'os leva, um a um arranca-os, mata-os, sepulta-os...  
 — O' tiasinha quem lhe falta?  
 — O meu homem. Já o maldito me levou os irmãos e o pae... Levou tambem o velho...

Odeia-o. Elle, é certo, da-lhe o sustento e o pão de todos os seus, mas em paga traga-os nos rudes dias de inverno. Conhece-o desde pequenina, sempre vestida de negro, toda a vida de lucto. Tanto tem chorado por vê d'elle, que já não tem mais lagrimas para deitar.

Viram já a sua figura consumida, curva, gasta, apanhando na costa o molico, os pequenos bocados de madeira que a vaga aterra á praia e com que os pobres se apucem? Ao crepusculo, a saia agitada pelo vento, de horas perdidas a olhar o mar, quando o oceano em nevoa é cheio de mysterio e saudade, aquella creaturinha sumida, que tem passado a existencia a chorar, impressiona e commove.

Com o punho fechado ameaça-o:  
 — O' cão maldito!

Sem lhes poder valer viu-os sumidos alli, na barra, no *Dente do Cão*, todos os que amou, desde o velho aos pequenos que trouxe ao peito. Ficara-lhe um filhinho, destinado ao mar e que o mar levaria por fim como todos os outros. Que fazer? Todos os dias se come e se o mar dá a morte — só o mar dá o sustento. Por isso o seu odio augmentará, não já tanto pelos outros, mas pelo filhinho ruivo que ella via crescer e'n uma afflicção.



A casa

maçada e curtida, resoa com certas conchas que guardam o ruido do mar. De lar serve uma pedra, outra de cantareira. Pendurado n'um prego um pequeno navio, feito pelo avô, balouça. Trapos secam no telhado e, se lhes dá o vento, acreditaries que a casa, meia tonta, vae navegar como um barco. Negra, com raiaes escaldadas á porta, arrumada a outros casebres, n'uma viella estreita e pedregosa, a toca tem um aspecto commovente e pittoresco. D'ella tem sahido para o mar e para a morte gerações inteiras de pescadores.  
 — Má'raios partam o mar!  
 Creal-os para quê, se o oceano os traga?  
 Olhando para a filha, já crescidinha e linda, a mãe cuida: — Has-de-te faltar de chorar como os chorei... Tantas lagrimas como d'agua tem aquelle mar salgado...



O moco

Vem o inverno, vem a afflicção. Ninguém lha. Os dias frios e neventos, com o bramido do mar ao longe, são dias de passar e a vida má. Tomou o neto pela mão, dez annos, pequenino, olhos azues, ruivo e forte e, olhando o mar commodio, foi-lh' a levar. Procurou o novo araes, o Manuel Pereira.

— O' sê Manuel diz que vae sahir ao mar um batel novo?...  
 — Pois vae, tia. Benze-se amanhã.  
 — Diz que se chama *Vae com Deus*...  
 — Pois chama. E então, tiasinha?  
 — Então...  
 Hesitava. Vestida de negro, sumida, olhando o mar, hesitava. Mas tinham fome, dias e dias sem pão... Soluçando, disse:  
 — Então... Se vocemecê não tem moço aqui lh' o trago para a sua companhia.  
 — Pois sim... Bom rapaz, bom rapaz...  
 Com a mão callosa allagava o pequeno, que sorria contente por ir ao mar.  
 — Pode ficar descansada, tiasinha, que eu olho por elle.  
 — E' o que lhe peço de joelhos, sê Manuel. Faça-me essa esmola pelos que lá tem no outro mundo. Só tenho esse! Só este!... Os outros lá foram...  
 A soluçar, com a saia pelos hombros voltou, com o pequeno agarrado, encostado ás saias, como se já sentisse o mar a puxar-lh'o.  
 — Má'raios te partam, cão! Tudo me levás! Tudo!...

Foi ver o batel que n'aquelle dia chegára da Povoia. Já não ha esteiros senão na Povoia. Ninguém sabe talhar uma quilha, pregar-lhe o covername e as pranchas, transformar troncos de pinho resinoso n'um barco veleiro, senão os poveiros.  
 Horas e horas passou a fitar, d'olhos aguados, aquellas taboas ainda branquinhas do machado, com as juntas tomadas pelo calafate, e onde a mão d'um pescador tinha traçado em letras mal feitas e enormes, estas simples palavras — *Vae com Deus*.  
 Da Povoia chegou tambem certo dia o Manuel Serrão para talhar a grande vela.  
 Não ha homem mais alegre, com as suas barbas brancas e os dentes a reluzir na cara tostada. Todo o dia riu no areal encolhado,



cortando o panno, e toda a companhia em torno riu, ajudando a coser com *icum* a vela enorme, a que só o Manuel Serrão sabe dar um bello talho, tornando o barco veleiro e leve...

De cachimbo de barro na bocca vieram os velhos um a um, rondar, ver a prôa afilada do batel, e civeram, dando a sua opinião e discutindo com o sota. Batendo na madeira, cuspiendo, diziam sentenças:

— Bom barco... Deve bolinar bem...

Por fim, de cruz alçada, entre gritos, foguetes e bandeiras, appareceu o senhor abade e o sacristão de cruz alçada. Formavam alas os rapagões, de burbas cor de sargento e fatos dominigueiros, e, gravemente, o padre, murmurando o seu latim, asperguindo água benta, abençoando-as, aquellas fraçais taboas, que, arrancadas a uma arvore, iam levar para a morte e para o perigo os pescadores da companhia.

Até que, n'essa madrugada, o batel sahio e a mãe foi o seguindo pela praia fora. Maguava os pés n'ua na aspera penedia da costa e solfoava, com a saia pelos hombros. Adivinhava-o na escuridão; seus olhos, fartos de chorar, evetriam-no atravez da noite espessa. E foi assim andando até a perder de vista. Lá lhe levavam o seu ultimo filho! Quanto tinha já creado para a desgraça e para a morte? O João, depois o Antonio e por fim este, tão pequenino... Todos no fundo do mar sepultados... Sumiu-se o batel no negrume e ella ficou na praia até ao dia, ouvindo a resaca, o *u u u* das aguas gigantes, aquella prodigiosa voz com que o oceano pega nos nêutros e profundas.

De saia pela cabeça, perdida, sumida, encardida pela vida, secca pelos temporales e pela desgraça, a velha clamou:

— Má raios partam o mar!

RAUL BRANDÃO.

## CHRONICA MUSICAL

A Tosca e a *Iris*. N'uma só quinzena, semicarnavalesca. Porque a que tivemos a *Tosca* de Puccini e a *Iris* de Mascagni, como novidades lyricas annuaes? Aqui está um problema, que em parte dará muito que parafusar aos bestuões, aliás perspicazes, dos nossos illustres *diletanti*. A *Tosca* percebe-se: era a ultima novidade, recommendada pelo nome aureolado do auctor da *Bohème*, feliz na sua carreira atravez dos principaes theatros de Italia, susceptible de um desempenho magistral com a escriptura dos artistas que a haviam creado no *Costanzi* de Roma. Uma feliz ideia do sr. Puccini, ou seja, um caso para registar nos annaes do seculo que renascença. Mas a *Iris*? Ilustre pelos seus *fascos*, quasi tanto como pelo reclame com que fóra buzzada antes de ser ouvida, a reverendissima insignificancia de Mascagni não merecia este longo passeio aos confins da Europa, a não ser que com ella se quizesse ensaiar um espectáculo a deslumbrar pelas maravilhas scenicas, de que o libretto permite farta exhibição. Mesmo assim, sempre se nos figurou uma má ideia do sr. Puccini; com o que voltámos á nossa conhecida diaria do seculo que recemfindou. Abi estão os factos a gritar ao sr. Puccini, ainda mais do que os seus tenores, que nem sempre se pode destacar acima do par a benevolencia d'aquella platea, que emtanto bastas vezes roça pela bemaventurança.

Primeiro foi a *Tosca* com a sr.<sup>a</sup> Darcée e os srs. De Marchi, Menotti, Stracciari, Candela e varios outros Candelas masculinos e femininos, com mais ou menos n.

A *Tosca* é aquella mesmissima peça de Sardou, em que a acção acaba á falta de personagens. No drama só escapava o ponto, por especial obsequio; na opera tambem o ponto passa trabalhos para não tomar, mas com elle salva-se o *maestro*, que o Illica e o Giacosa não tiveram meio de metter na trucuente cabidella em que desaba o libretto. Não lhes contarei o embrogio por mindos, para me não ficarem remorsos de vos ter inquietado o somno com pezadellos; de resto conhecem-no, porque viram decerto a opera, e se a não foram ver, pessoas que se prezam, como V. Ex.<sup>ta</sup>, hão de se lembrar da Sarah, para quem o Sardou a inventou. Morre o Angelotti que se suicida, morre o Scarpia esfaqueado pela Tosca, morre o Cavaradossi fuzilado á ordem do Scarpia, morre a Tosca, como se salta do Castello Sant'Angelo alvão. A primeira vista não se calcula, como é que tem o compositor se apaixonou por esta hecatombe, a ponto de a querer traduzir em musica. Sem contar, que no decorrer da acção, para desencantar o espirito do espectador e desanuviar de tristezas, o auctor a esmalto com varios episodios de torturas, de tentativas de violação, de oratorios de condemnados e quejandos motivos equivalentemente hilariantes. A segunda vista, depois de ouvir a musica, ainda a impressão de assombro, pela escolha do assumpto, mais se avoluma e engrandece. Não resta então a menor duvida; o compositor realisou um verdadeiro *tour de force* de talento e de engenho, para obter um resultado que atinge as colossaes proporções de uma mediocridade.

Entendamo-nos, a sério, d'esta vez. Situações como as da *Tosca* não são musicaveis, desculpem nos o tom dogmatico do asserto. Não ha maneira de reduzir a emoções simples, como são todas as que pode despertar a musica, engenhocas psychologicas arrezadas, taes como: traçoões, dissimulações, fanatismos, psychismos policieis. O

que succede, é que a musica vem a produzir um effeito anodyno, de mero acompanhamento, desligado do entrecho e, por maior que seja o talento do compositor, é a acção e os actores que prendem o espirito do espectador, que nem se apercebe do factor lyrico. E' lembrar aquelle final do 2.<sup>o</sup> acto, em que Puccini tal intuitivo teve da inefficacia de todos os seus esforços, que se limitou a deixar a actriz reproduzir as attitudes da Sarah, ao som do motivo de Scarpia, a esvaecer-se n'um desfallecimento de inferioridade.

Nos outros passos de psychologia Puccini sacrificou a sua musica, quasi sempre, e n'algumas, em represalia amarroutou o libretto. Não ponde dar a individualidade musical adequada aos personagens do drama, porque essas não eram reductivas a musica; emprestou-lhes umas vestes lyricas, que se forem vistas de perto se lhes não ajustam, mas com que elles figuram, com uma apparencia apresentavel. Aquelle Scarpia! é um banido ao servico de poderes constituidos: leroz, sanguinario, lascivo, fanatico. Tudo o que se pode sonhar de mais ideal, como tyranno a principerualisar; tudo o que se pode imaginar de mais avesso, como caracter a musicar. Separe-se a parte do Scarpia do resto da partitura; que sensação ou antes que emoção evocará a musica, que a representa? Uma emoção em geral doce, suave, apaixonada, como a que seria provocada por um amor mais ou menos incendiario, uma que outra vez vorventura tumultuario. De modo algum se destaca um trecho, em que passe um halito espastado d'aquella cynica malvadéz. E' que esta não encontrou expressão adequada, emtanto que a face amantica do personagem, incendiado em desejos pela formosa cantora, se prestava maravilhosamente á evolução da velle melodia do talentoso compositor. E assim o malvado tyranno do libretto, não passa de um Don Juan pela musica. A Tosca? Outra apaixonada; é lyrica melodicamente, mesmo nos tranzes de vigor e de arrebatamento, mesmo quando mais inconsequente se poderia reputar esse lyrisimo. O que tambem resvala para sobre o Mario, que não passa de um Des Grieux, quando o poema lhe está a soprar impetos de revolta e gritos de liberdade, que chegam mesmo a explodir... sem musica evidentemente.

Toda a opera se caracteriza por uma tendencia melodia, fina, rica, elegante, nem sempre de uma originalidade incontestavel, mas em regra de um bom gosto indistinctivo. O que contrasta de tal modo com as situações violentas e torturantes do drama, que a impressão geral é d'aquella que nos não fazem vibrar, muito longe das que nos sacodem n'uma emoção em unisono com a paixão que symbolisam. A musica da *Tosca* é fria, a despeito da intensidade das paixões que se declinam, é uniforme apesar da variedade das sensações que se entrechoam, é monotonas mais grado o colorido de sentimentos, que nella se jogam. Não é musica para ficar como a do *Barbeiro*, como a da *Norma*, talvez como a da *Bohème*, é das que passam sem suscitar enthusiasmos nem indignações.

Trechos de inspiração possuiu-os a *Tosca*; a romanza de Mario no 1.<sup>o</sup> acto, cortada com os recitativos do sacristão, a romanza de Tosca no 2.<sup>o</sup>, que a Darcée canta divinamente, a romanza de Mario no 3.<sup>o</sup> e o bello duetto a seguir com as deliciosas phrases «*Amaro sol per te...*» de Mario e «*Amor che seppa e te via serbare*» de Tosca, a concluir com «*sa sol cadente, nuvole leggeres*» sem duvida a pagina mais encantadora de toda a partitura, já pela linha melodia, de pura inspiração, já pelo acompanhamento orchestral, um primor de delicadeza e sentimento. E mais que se encontrarriam, sem grandes difficuldades. Não seria entanto justo deixar de notar, quanto são forçadas algumas destas notas, como que Puccini intentou pôr um dique á inundação de calamidades, que ameaçava arripar-lhe os espectadores, a ponto de os obrigar a manifestar se contra o tyranno, como succede nas plateas melodromophiles. Em especial, a romanza da Tosca do 2.<sup>o</sup> acto é um cumulo de insensatez, que o espectador perdôa, pelo amor que dedica aos proprios miolos, n'aquella altura de violencias, já um tanto amachucados, a pedir emolientes.

Superfideidade seria demonstrar que Puccini continua a ser eximio na arte da orchestração, jogando com apurado gosto e finura com todos os segredos da technica, que para elle são como o de Polichinello, ou como os da politica nacional.

A sr.<sup>a</sup> Darcée, o sr. De Marchi e o sr. Menotti animaram poderosamente no palco de S. Carlos as estranhas figuras da peça de Sardou. A sr.<sup>a</sup> Darcée, sem duvida alguma é a artista lyrica mais brilhante, que o sr. Puccini tem trazido a Lisboa. É completa, porque se não limita a interpretar o seu personagem, *canta-o*, maravilha que já vai sendo rara em theatros lyricos. Canta-o com a mais radiosa voz de soprano, que de nossos dias conhecemos: é um portento, aquelle instrumento que não sabe o que são difficuldades de volume, nem de extensão e que vem esmalto um timbre de incomparavel brilho e pureza. Não será facil que torne a haver Tosca depois da sr.<sup>a</sup> Darcée.

De Marchi, com a sua poderosa e bem timbrada voz, secundou valentemente a protagonista e Menotti foi um Scarpia que perante platea menos culta, se arriuscita a uma sova de indignação do publico; tal é a intensidade do seu intelligente jogo dramatico, que chega a emprestar apparencias de verdade áquellas inverosimes armadilhas.

Querem acreditar que a *mise-en-scene* não é pessima? Palavra de honra, a serio.

(Continúa.)

VASCO.



# Cartas a uma Prima

II

8 de Fevereiro.

Minha excelente prima:

Dia lindo, e d'hontem, para passear, para amar e para dormir ao sol como os gatos.

O meu muito lavado, esmaltado de luz, profundamente azul, ligando os montes do Castello ás elevações da Estrella, correndo de norte a sul em vigorosa pastada, enchendo todos os vaços das colinas, contornando cristas de cataventos, angulos de torres, calottes de zimborios e vindo a despenhar-se no mesmo azul ferrete, entre as irritantes rectas de duas esquadras de predios fronteiras... O sol dando uma commoção de luz a toda a terra... e a cidade latente que lá aborrecida de tanto chover, a dilatar-se, a espreguiçar-se molmente, como um papagaio que levanta as penas todas, na volúpia de lhe coçarem a cabeça. A Avenida cheia de gente.

Muito lavadinha, muito fresca, com uma alegria de benemerita que enche de bom ar os vastos pulmões da cidade baixa, essa Avenida, apesar do seu aspecto modesto e do seu feio de obra em cartongem, parecia hontem a rainha das avenidas do mundo, fio linda eram as creaturinhas que por lá exanimavam... Ao longe Valle Pereira em dois tons de verde, um claro batido de luz, outro escuro á sombra; e á para baixo, o monumento, muito esguio e muito branco, da liberdade, e, de vez em quando, da negra irregular d'uma travessa sobressaem as cumieiras de S. Pedro d'Alcântara, e d'uns deliees esverdeados emmergem os chalets artisticos do pateo do Thorel, e em pequeninos jardins de palmeiras, doirados de sol. E mais para cima, e em um campo monotono com umas tristes oliveiras entorecidas, tendo no alto, em amarello, o edificio pesado e lagubre de Rilhafoles!

Rilhafoles! quantos andariam ali pela Avenida que lá deveriam estar?

Mas a minha attenção é desviada.

Tres rapazes elegantes e dois aspirantes de marinha tinham-se enfileirado á beira do passeio e cumprimentavam cerimoniaesmente: pegou o que fosse Sua Magestade. Mas não; dois cavalheiros apenas, seguitos d'um credo da casa real.

Um era o heros Mouzinho; o outro, uma evançela loura e forte, flamante n'um vistoso fute de cavalleiro, era o Principe Real. As damas levantavam-se, sorriam-lhe, achavam-lhe graça ao garbo d'homem-sinho e apontavam-n'o irreverentemente, com os pequeninos dedos *gantle de blanc*: — «Olha o principe! que engraçado!...»

Algumas olhavam-n'o muito a serio, e curvavam-se n'uma graciosa mesura de côrte, fazendo apparear da fimbria da saia uma pontinha da boia de verniz. E eu, vendo o já so longe, aguentando-se bem sobre o cavallo, fazendo assunções tal e qual como o pae, virando a cabeça a mimdo como elle, pareciam-me estar vendo o proprio rei, um pouco mais pequeno na figura, como se o olhasse pelas objectivas d'um binoculo...

Mas não foi positivamente para ver o principe que eu trouxe a minha boa prima a fazer a Avenida, como se diz se.

Nem para lhe mostrar esses esqueletos loiros de Evas modernas, creadas pela Biblia do Vicio, irritantes e alitivas, que passam em largos vestidos de fibres estylisadas, cultivando uma anemia, com o mesmo requinte com que arrastam uma pelica cara. Nem os homens, cotidinhos, que se amam assim mesmo, e por não terem outros ao pé.

O ideal da belleza foi-se com a civiliçao. Cada progresso trouxe um desvio ao typo da mulher saudavel. E o homem, escravo do seu tempo, foi-se habituando, dia a dia, aos olhos encovados, aos narizes cartilagineos, ás bococas sem sangue, aos queixinhos prognathos e á nobre belleza na linha angulosa d'essas creaturinhas sem ferro no sangue nem força nos musculos. Creou-se enfim um amor novo, com deslocação de centros, e argui o chamado amor cerebral, com phasas de desanimo e com periodos effluentes, á imitação do outro physiologico.

Uma especie de platonismo por necessidade e por adaptação...

E se um dia o cerebro cançar e vier a cerebraethénia, então, minha prima, é contar como certo que essas mulherinhas e esses homenzinhos só servirão... para adubos!

O caso que eu lhe quero contar é mais uma prova de que o amor tem caprichos inexplicaveis e insondáveis mysterios adentro dos corações.

Vê, a prima, esse calce exótico que ahí vai passando na Avenida? São meus vizinhos. Moram defronte da minha casa, n'aquelle terceiro andar de janella de sacada, e ha tres mezes que eu os ando a espiar através das cortinas de renda do meu quarto de trabalho. Ella tem um ar de mosquinha d'inverno, com os olhos muito resignados e dormentes e uns cabellos loiros a de-botar, arripados para formarem o crespito, trahindo-lhe o contorno irregular do cranio. Elle é africano; baixo, atarracado, as pernas cambaias, e o abdome distendido tombando-lhe em sacco sobre as coxas, e uma carapinha rala com o aspecto d'um astrakan traçado a invadir-lhe a testa fígada.

Anda por casa em baluxas de França, acalcanhadas, emiçola d'algodão com um grande M á linha de marcar e um fute de linho já muito engrugado e sujo. Ella é mais accada: usa grandes roupões de chitas claras, um pouco decotados, deixando ver a furela do aterno e o arqueado começo das clavículas.

De manhã e á hora do crepusculo é certa na sacada, regando os vasos de flores. Finca uma das mãos no parapetto, e com a outra, segurando o pucaro, rega os craveiros amarellos e fica-se, de quando em quando, olhando a rua, um instante, com o queixo sobre o dorso da mão. Depois, n'um sobresalto, recolhe-se a buscar mais agua e a acena respectivo das duas vezes, voltando com o pucaro a transbordar, n'um passo cuidadoso d'equilibrista e a mão livre em concha, para não pingar a casa. Os ultimos enbaldos são para um mangeiro de água espigada e que anda sempre embalado; toma algumas bochechas d'outra e bor-

rifa-com força, fazendo uma careta. Afflitta do esforço, um pouco tonta, encosta-se á hombraira e, de braços pendidos, cabeça aita, palpebras cerradas, está ali um bocado até sentir-se reanimada.

Elle, então, que de dentro a espia fingido ler, levanta-se e, sem bulha, vem beijar-lhe o pescoco, perto da nuca, com os olhos raiados de sangue e uma alegria gulososa em toda a face, fazendo á dar um pequenino grito e pondo-lhe o rosto afogado de vergonha. Elle ri da partida, ella anciadamente anda para defronte a ver se algum os lobrigou e depois persegue-o ás palmadas nas costas até lhe doerem as mãos, enquanto elle vai cair na cadeira pesadamente, a escangalhar-se em gargalhadas. E ha tres mezes, quando ella, miseravel e perdida, annunciar quartos para alugar e comida e esse negro lhe appareceu como unico hospede, bem longe estava eu de os ver mais tarde amantes. Transformações curiosas por que passa o espirito!

Se houve averáo profundo, odio negro e nojo violento foi o d'essa desgraçada para aquella especie de anthropoide, pósendo irritantemente, atirando-lhe atrevimentos, cravando-lhe a figurinha d'olhares cúpidos que ella sentia mesmo sem ver.

De minha casa percebia eu nitidamente o estado d'aquellas duas creaturas e lá acompanhando, dia a dia, o almoço e o jantar do hospede. A principio, elle tratava a mal, por sobre o hombro. Levantava a custo as palpebras, e de lado, sacadamente, dava-lhe uma ordem; atirava brutalmente os pratos, fazia-a audar em vircoltas, mandava-a á rua buscar cigarras.

Um dia ameaçou-a, e ella poz-se a chorar, da sua desgraça, de raiva talvez. Elle então amansou, commoveu-se, chamou-a para o pé e fez-a sentar á mesa, no seu lado.

Houve uma pequena resistencia da parte d'ella, mas o negro levantou-se e trouxe-a pela manga.

Comeceu então a segunda phase.

Elle todo attenção, olhando á bem de frente, curvando-se para servir-l'a, tocando-a com o cotovello, lubrico e astucioso. Ella sem vontade, indecisa e necessitada, transigiu um pouco, mas tendo a espaços repugnancias subitas quando lhe percebia o bafe, ou recuando de salto a cadeira se lhe sentia os contactos lascivos. O negro ria, mostrava a dentada branca, o nariz achatava-se-lhe mais e os malarros, muito volumosos, gargalhavam ludiosos e oleosos por debaixo dos olhos físcantes.

E ella, pouco a pouco, de vel-o rir e d'olhar-lhe o camico da expressão, foi esboçando um sorriso, que por fim já era gargalhada, em frouxo, engasgado, em duetos com elle. Já-o achando engrugado, e quando a mulher acha graça a um homem não é difficil entregar-se-lhe. Elle percebia-a, estudava-a e fazia-lhe um cerco castelloso, com manhas de caçador e taticas d'aranha...

D'uma vez dançou-lhe o batoque para ella se entreter; d'outra, presentou-a com um papagaio esmaltado por elle.

Assobiava dois compassos do *Marin Chino*, imitava careceiros e o gluglutino dos perus, e berrava toda a manhã, janella abaixo, este estribilho estopado: — A minha dona é eatita lá minha dona é eatita!... Foi o papagaio, minha querida prima, que fez o milagre. Os presentes continuavam. A tarde, elle trazia-lhe de fóra doces e vinhos fins; de quando em quando, flores; ás vezes, uma bugiganga para a casa ou umas perfumes para ella. A rapariga sentia-se enleada, não queria accellar, corava muito e fugia-lhe com os olhos, mas já sem averáo.

Em certos momentos ficava se a olhar-o, sem querer, procurando uma razão para aquella sympathy que a enchia de repugnancia e de vergonha se pensava n'ella, mas que existia instinctivamente, apesar de contrariada pela vontade. Se elle, então, a apanhava n'um d'esses olhares parados, meditativos, ella levantava-se de chofre e fugia a pretexto de buscar qualquer coisa que faltava.

Um dia, por gratidão, poz-se a ensinar ao papagaio a cantiga do

O preto, ó preto...

E elle, ao jantar, teve a suprema alegria d'ouvi-lo. Estavam muito juntinhos, no lado um do outro, quando o papagaio rompeu com a nova habilidade.

Ella tapou a cara, a rir e o tremor de susto, e elle, serenamente, passava-lhe o braço á cintura, collon-lhe os beiços sensuaes á testa, n'um enorme beijo.

Ella teve um espremeço, debateu-se um pouco, quiz affastal-o com as mãos, mas elle, avido e musculoso, apertou-lhe ambos os pulsos entre dois dedos, e quando a sentiu sem resistencia, como um trapo entre os braços, levantou-a ao ar e levou-a d'ali, como uma penna...

E agora, quando não vem para a Avenida, como hoje, passar a lua de mel, tembo-se lá defronte de casa, elle, á vontade, em camisa e chinellas, recostado nos joelhos magros da pobre loira, que the coça luxuriantemente a carapinha, enquanto o papagaio á janella, muito estopado, entoa, de cabeça á banda:

O preto, ó preto  
Lá no sertão...

E é a sim, querida prima, que as raças se avigoram — dizem os sabios.

Beijo-lhe as preciosas mãos.

MARCEL PENTEADO.





# Política Internacional

8 de fevereiro de 1901.

**C**ONTECIMENTO que actualmente a todos sobreviva na politica internacional — a morte da rainha Victoria — obriga nos a consagrar a totalidade da presente revista a Inglaterra, fôco para onde n'este momento convergem as attentões do mundo inteiro.

O Reino Unido acaba de entrar o cyclo de um seculo e de um longo reinado na sua historia; e se ainda é cedo para fazer horoscopos completos enquanto ao futuro, pôde bem avaliar-se desde já a liquidação da epocha, que acaba de findar por um dos luctos mais sentidos e mais universaes de que ha memoria na chronica das nações. Demais, enquanto ao passado, estão todos de accordo. O seculo XIX e o reinado da rainha que acaba de fallecer, e com elle quasi coincide pela duração, foram um periodo de excepcional prosperidade para a Grã-Bretanha e de extraordinaria expansão para a raça anglo saxonia, que teve durante esse periodo n'esta nação a sua melhor representação politica e nacional.

Basta lançar os olhos para o mappa e comparar o logar relativamente modesto, que ha um seculo a Inglaterra occupava á superficie do nosso globo, com o que ella hoje occupa, envolvendo todas as regiões da terra, ainda as mais loquuzas, nas dobras da sua bandeira, para se avaliar o caminho andado nos ultimos cem annos. E note-se, — porque é esta a feição mais característica da expansão inglesa — o aspecto que distingue o engrandecimento do imperio britannico, e elle cria um logar á parte entre os dois ou tres factos apparentemente similares, que a historia registra.

Em geral e desde a mais remota antiguidade, o que até hoje se tem denominado «grandes impérios» ou «super-reinos» de uma nação, é o aumento em seu poderio politico e militar, traduzido se quasi sempre por annexações de novos territorios. Foi assim que se engrandeceram os velhos povos do Oriente — egypcios, assyrios, babilhyons e persas — e foi assim que cresceram pouco mais ou menos a Roma; foi assim que attingiu o fastigio da gloria e sublimado arcos na Era do Medio; foi assim que os turcos, depois da queda de Byzancio, conseguiram quasi reconstituir a antiga monarchia de Timur e Gengis-Khan.

Nos tempos modernos, foi ainda d'este modo que as nações colonias do Occidente viram expandir-se para outros continentes a sua soberania. Na maioria dos casos, porém, a annexação de territorios novos representava apenas acréscimo material de terra sem uma correspondente assimilação do elemento annexado, ás vezes até pelo contrario com mantido prejuizo economico para a metropole. Em algumas circumstancias não admira que decadências rapidas fossem o epilogo de todas estas grandezas sem base, semelhantes á estatua de Nabuchodonosor, cujos pés de barro contrastavam, pela fragilidade, com o resto do corpo de ouro.

Por isso nem uma só d'essas nações deixou de cair, vindo muitas d'ellas principiar logo a desagregação de seus mal cozidos fragmentos na propria hora, em que tinham attingido a culminancia do poder. Deu-se isto sobretudo com a expansão colonial da maior parte das nações, que depois do seculo XV adquiriram dominios ultramarinos. O imperio portuguez do Oriente pôde dizer-se que durou tanto como o illustre capitão, que o fundou a golpes de audacia e de zenio. Depois dissolveu-se tão rapidamente como se constituiu. A mesma sorte tiveram os imperios fundados pela Hollanda, pela Espanha e pela França. Em seguida á perda d'elles as respectivas metropoles ficaram mais empobrecidas e decadentes.

Ainda hoje a França com relação ao segundo imperio colonial, que pozno a pouco tem sido constituído sob a terceira republica, se encontra n'uma posição analoga. Os immensos territorios que logrou conquistar, quasi sempre pelas combinações da sua diplomacia, são mais possessões do sentido barroco da palavra, do que verdadeiras colonias, onde a solidariedade de aspirações e de interesses haia crecido. Franças novas. Imagine-se uma guerra maritima infeliz, em que a R-publica fosse vencida. A primeira consequencia d'esse facto seria a perda integral das colonias, pelo menos das mais importantes. A segunda consequencia seria que essas mesmas perdas, talvez apenas com a excepção do Argel, passariam sem o menor abalo para outra dominacão, visto que na quasi totalidade d'ellas o elemento nacional francez é nullo. A França não tem tido até hoje colonias no sentido proprio da palavra, mas sim possessões.

Ora, enquanto que as colonias são uma força e uma riqueza para a mãe patria, as possessões representam por via de regra uma fraqueza, pelas despesas que lhe acarretam e pelos prigos a que a expõem.

Compare-se com a precaria situação colonial da França a situação da Inglaterra no momento de grave crise, que está atravessando. A guerra do Transvaal, que, no dizer dos publicistas anglophobos, devia ser o signal faticoso da dissolução do imperio, foi pelo contrario o ensejo para que mais intimamente se cimentasse a união entre os diversos membros da vasta confederação britannica. E' a significação da presença dos contingentes canadenses e australianos na Africa do Sul. Mais ainda. A federação de todas as colonias da Australia n'um estado unico sob a alta direcção e governo da Inglaterra, facto a que mais tarde teremos de voltar pela sua importancia capital, constitue tambem mais uma prova do effeito benéfico, que na politica, propriamente imperial, do Reino Unido exerceu a guerra com os boers.

O que explica semelhante resultado não contrario ás prophacias que se tinham por mais autorizadas e infallíveis? A natureza especial das colonias inglesas.

Por uma qualidade ingenita da raça anglo saxonia, e tambem para que negal-o? pela circumstancia propria de se ter desenvolvido de regiões eminentemente favoraveis á colonisação branca, a Inglaterra ha

um seculo que está desdobrando a mãe patria n'uma serie de centros de cultura inglesa, nos quizes a concessão da larga autonomia, que caracterisa a administração ultramarina d'aquelle paiz, vier dar forças de verdadeiros estados. E' assim que se desenvolveram e chegaram á sua actual prosperidade as provincias, que hoje constituem o chamado Dominion do Canadá; e assim tambem que no remoto continente australiano se fundaram, cresceram e chegaram á prospera maioridade de que hoje gozam essas colonias, que acabam agora mesmo de reunir-se n'uma grande nação, futura dominadora dos mares austraes.

Assim a Inglaterra revive nas suas proprias colonias, por onde se vai dilatando e expandindo em maravilhosa floração o genio da raça anglo-saxonia. E' um espectáculo unico na historia a constituição d'este imperio ingles, que territorialmente é o mais vasto de todos até hoje conhecido, o politicamente é o mais livre e no mesmo tempo o mais fortemente unido pelos laços do patriotismo e do sangue.

A federação do imperio britannico é uma formula politica nova, que o futuro ha-de vêr consolidar pelo natural accrescimento e robustecimento da consciencia nacional em cada um dos seus membros. A grande lucta do seculo XIX vai ser entre esta formula politica e a opposta symbolizada pela Russia, essa colossal representante da raça slava. A qual das duas pertencerá a victoria?

Em todo o caso um estado como o imperio ingles não pôde ser comparado ás outras nações colonias, sem se exceptuar a propria Alemanha até hoje de uma provada incapacidade colonisadora, não obstante todas as conquistas ultramarinas do moderno imperio allemão.

E' por isso mesmo que os pessimistas absolutos não puderam prognosticar a proxima decadencia da Inglaterra. A qual, no dizer dos prophetas maiores e menores da moderna cruzada contra a «perfidia Albion», rivais mais robustos e ousados hão-de em breve roubar com o sceptro dos mares a preponderancia politica e até a importancia civilisadora. Nações como a Grã-Bretanha, constituídas pela forma que acabamos de vêr, não decaem de um dia para o outro, sobretudo se por regiões de extensão indefinida põdem ir alastrando a sua raça, que ainda não denuncia os mais leves signaes de cansaço ou esgotamento. Pôdem transformar-se, sim, e essas transformações não implicam decadencia e muito menos ruina ou morte.

E' evidente que começa a desenharse no horizonte da Inglaterra uma notavel transformação. Não só a politica interna principia a modificar-se pouco a pouco, apresentando-se esta transformação de aspectos importantes como a dissolução do antigo partido *whig*, que fatalmente está destinada a produzir os mais transcendentes resultados no modo de ser nacional; mas tambem a politica externa manifesta tendencias novas, e a mesma transformação de toma o caracter de effeito.

A verdade, porém, é que esta dupla transformação não tem sido a obra de um dia. Pelo contrario. Preparada de longa data, realisada lentamente durante o dilatado reinado que acaba de findar, a subida ao throno do novo rei não lhe alterará, é essa convicção, o caracter fundamental.

A Inglaterra de Robert Peel, de John Bright e até de Gladstone já vai longe. Pertence á historia e a uma historia, que se não pôde reproduzir. A nova evolução iniciou-se ha pouco de trinta annos, quando em 1875 Disraeli fez coroar a rainha Victoria imperatriz das Indias. Os que lançam á responsabilidade de Chamberlain a actual tendencia imperialista da Grã-Bretanha, enganam-se e são injustos para com o secretario das colonias. O imperialismo foi inaugurado na Inglaterra por lord Beaconsfield, e sobre o seu primeiro inicio já passou uma geração. Não ha duvida de que hoje assistimos a um recrudescimento da idéa imperial. Mas está isso na logica dos acontecimentos. Estabelecido o principio, a evolução que d'elle havia de tirar as posteriores consequencias não deve surpreender ninguém.

Da mesma sorte a transformação politica interna da Inglaterra contemporanea não é facto recente. Principio-a Gladstone e o partido *whig* com o alargamento do suffragio eleitoral, e completou a o mesmo estadista no seu ultimo ministerio com a apresentação do projecto diffinitivo de home-rule para a Irlanda, projecto que, como é sabido, originou a acção dos liberais, separando se com o duque de Devonshire os chamados unionistas, os quizes pela forma cousas passaram a engrossar as fileiras do partido conservador.

Este ultimo partido tambem soffreu pelo seu lado profunda modificação — nos seus principios, nos seus processos e até no seu pessoal — com a entrada de Chamberlain, o antigo companheiro do Great Old Man e com a influencia cada vez mais pronunciada d'este estadista, que pôde dizer-se é hoje a principal figura do partido conservador.

Assim, no longo reinado da rainha Victoria, e sob o apparente uniformidade de uma mesma politica directora, a Inglaterra vio transformar-se completamente a sua politica interna, e, com o alargamento da sua influencia no exterior, organizar-se pouco a pouco o vasto edificio do imperio. Esta transformação ou reorganisação continuará a accentuar-se no reinado de Eduardo VII. Sob este ponto de vista não ha duvida de que o novo periodo, que acaba de abrir se para a historia do povo ingles, ha de ser de grande importância politica e economica.

Enquanto, porém, confiamos sonham alguns idealistas, a voltar a Inglaterra por iniciativa do actual monarca á epocha, em que na economia interior dominavam os principios de Cobden e nas relações internacionaes era dogma, o lema da indifferença egoista da escola de Malthus, é isso uma utopia, que futuro brevisimo verá desfazer como fumo.

CONSULHIER PEDROSO

# CLEOPATRA

Como a concha de nacar luminoso  
Em que Venus surgiu risonha e nua,  
A Galera vogava ao sol radioso  
Com a graça d'um Cysne que fluctua.

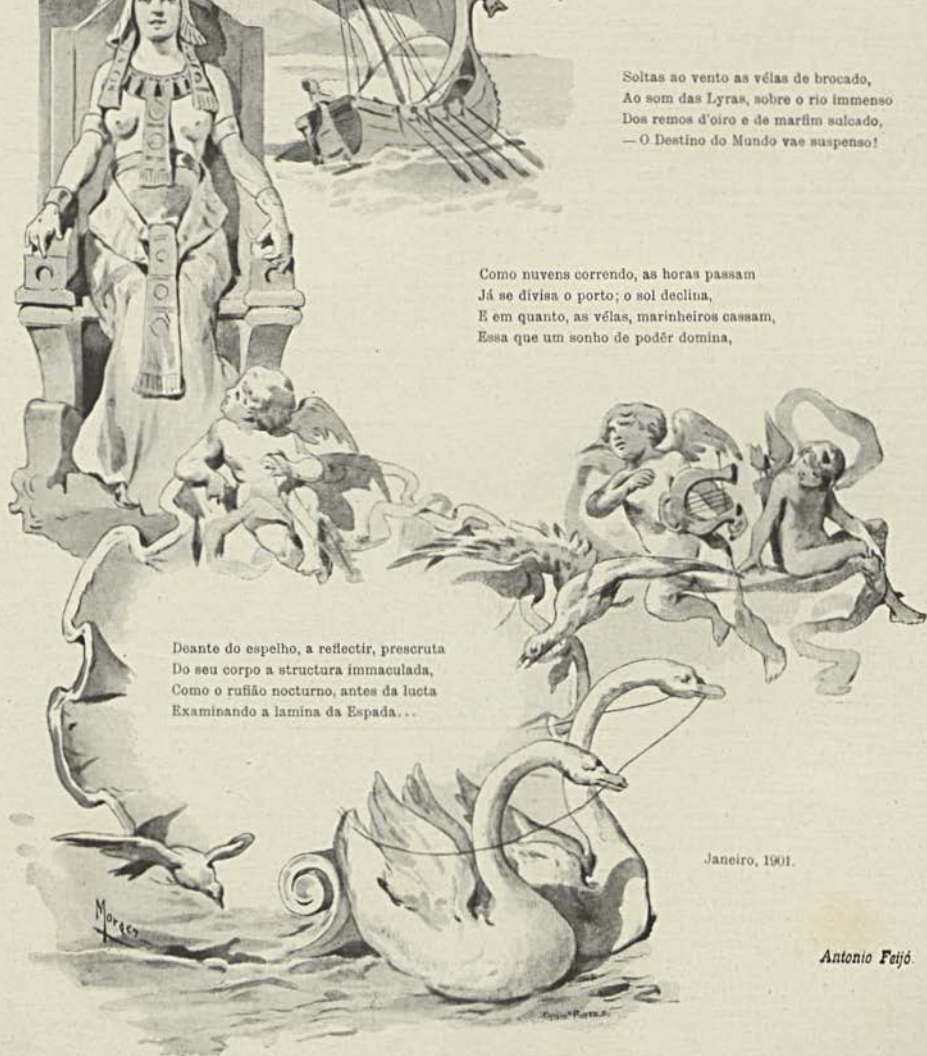
Soltas ao vento as vélas de brocado,  
Ao som das Lyras, sobre o rio immenso  
Dos remos d'ouro e de marfim sulcado,  
— O Destino do Mundo vai suspenso!

Como nuvens correndo, as horas passam  
Já se divisa o porto; o sol declina,  
E em quanto, as vélas, marinheiros cassam,  
Essa que um sonho de poder domina,

Doante do espelho, a reflectir, prescrua  
Do seu corpo a structura immaculada,  
Como o rufião nocturno, antes da lucta  
Examinando a lamina da Espada...

Janeiro, 1901.

Antonio Feijó







# THEATROS



## A proposito d'A SEVERA

A peça que ha pouco subiu á scena no theatro D. Amelia, intitulada *A Severa*, evoca de novo essa estranha figura do *tiers état* da galanteria, essa rameira de viela, que logrou a celebridade popular, que teve a consagração do livro, e que se perpetuou pela tradição oral e pelo seu fado correcto, e em volta de cujo nome se condensou a neblina amarelenta de uma legenda fadista. Até hoje, nenhuma das estrellas que brilharam n'essas casas creadas para o apaziguamento clandestino dos tormentos de Eros, nenhuma das notabilidades de alcove, suas contemporaneas ou suas successoras, conquistou honra tão sublimada. Não a tiveram as Chicorias, a Joaquina dos Cordões, a Rita Capacheira, a Eugénia — uma elegante de truz, a Scarnichia, a Conceição Capellista, a Amalia Bexigosa, a Adelaide Boieira, a Anna da Touca, a Perinha de Cheiro, a Luiza do Frade, o Cavallo Ardente, a Borboleta.

A celebridade da Severa foi o producto de tres factores: saber cantar maravilhosamente o fadinho, ter um espirito naturalmente trocista, e ser amante do conde de Vimioso. As notas plangentes do fado, arrancadas da guitarra soaquent, faziam subir as lagrimas do coração aos olhos, quando ella cantava com a sua voz de soprano vinhado, mas de um encanto envolvente:

*Eu hei de morrer no fado,  
Soffrer os destinos seus,  
O chifrim será meu brado,  
A banza será meu Deus.*

Os linhagistas teem-se visto em pancas para esquadriñar a procedencia d'esta Venus de encruzilhada, porque, se uns a dizem cigana, outros a teem como portugueza de lei, sem mescla de farrasteira influença. Um nosso amigo que morreu de idade avançadissima, Manuel Machado, dizia que ella era natural de Setubal, e o sr. D. João de Menezes affirmava ser emphytoricamente que não era cigana. A Severa morou no Bairro-Alto, em Alicantara, na rua do Capellão, na rua da Santissima Trindade e no Campo de Santa Anna, em concubinação com o conde de Vimioso, que fixara aquelle coração nomada. João Fletcher, tio do sr. D. Thomaz de Mello, contou-nos que, indo alliuma vez para tratar certo negocio com o conde, se foi encontrar juntos, estando a Severa a cantar e a dedilhar na banza o *rigoroso*. Um dos *tics* d'esta marfona celeberrima era o seu chiste temperado com grande pingo de sal, que a levava a afinetar, alto e baixo, a todos e tudo. E conhecida a *decima* que fez ao D. José lanceiro:

*Eu já vi n'uma toirada  
Um cavalheiro,  
Era o D. José lanceiro,  
O pai da rapaziada.  
Não se the deu para nada  
Que d'elle tivessem dó  
A combater c'um boi só.  
Dis uma veia d'alli:  
Ati que elle está affite...  
E não pôde dizer to, (1)*

O D. José lanceiro que na peça do sr. Dantas figura, segundo nos parece, com o nome de D. José era o D. José Loulé, filho natural do primeiro Marquez de Loulé, official de lanceiros e distincto

cavalleiro amador, que foi, mais tarde, para Bragança, onde casou com uma morgadita e morreu de alcoolismo. Que a Severa offerencia as colleiras em palhaio á risota, prova-se com estes versos:

*Eu já vi n'uma toirada  
A Joaquina dos Cordões,  
Mal viu dar dós tramalhõs  
Ficar logo desmaiada.*

*A Chicoria do Sarmento,  
Que bate o fado tambem,  
Quando toireia o Sedcem,  
Chora de contentamento.*

Alludia aqui ao amante da Chicoria, o Sarmento, sargento de lanceiros que viera com D. Pedro IV.

A Severa, afinal de contas, era uma virago pruída de lascivia, que entendeu que o amor devia ser um prato picante como bribeções com salada de malaguétas. Esta maratona pelintra dispunha de uma linguagem bordelenga de par com um vocabulário regateiral, que faziam corar uma lagosta viva. Em vespuras de toirada, nas esperas do Campo Pequeno, o conde de Vimioso batia o fado ao som da guitarra da Severa, que, de cigarro ao canto da bocca, tamancos e meias azues, cantarolava obscenidades. A Severa da peça do sr. Julio Dantas nem por sombras manifesta a qualidade mais saliente do espirito da Severa legendaria — a troca esultante, o revirête saigado. Não passa de uma prostituta corriqueira, com lume no olho e faca na liga. O dramaturgo exornou-a de sentimentos altruistas, sentimentos, de resto, vulgarissimos nas mulheres d'essa lina. Nós, porém, sabemos d'um cavalleiro, que ainda está vivo e são, a quem ella sorrateiramente empalmou uma libra da algeibera do collete...

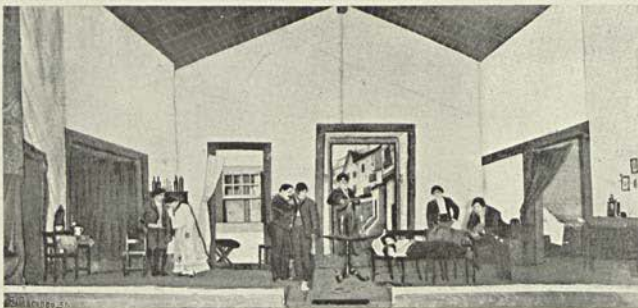
Causa-nos espanto a abundancia de dinheiro que esta loureira piranga ostenta no ultimo acto da peça, pegando de socorrer as collegas com tal generosidade, que metteria n'um chinelo a sua

contemporanea Eugénia — uma mundana liró, que possuia sege aturada, servi-lhêtas, *toilettes* catapulozadas e chapéus mirabolantes, e que, por derradeiro, acabou miseravelmente em S. Domingos de Benfica.

A nosso vêr, a Severa não pôde ser collocada na epocha em que o sr. Dantas a collocou, como passamos a demonstrar. A toirada que o Marquez de Niza offereceu na sua quinta da Foz, em Salvaterra, no S. João de 1845, assistiu o conde de Vimioso, que se fez acompanhar da irmã do cavalleiro Diogo Hieronimo de Bettencourt, e da Severa, que então contava uns vinte annos de idade. Por consequencia, tendo ella quinze annos, pouco mais ou menos, em 1840, estava ainda muito nova para já fruir o renome que aureolou sua cabeça de barregan e que a immortalizou nos fastos da fadistagem. A Severa não morreu de uma crise cardiaca, como, para effeito scenico, morre na peça, mas, mais prosaicamente, de uma indigestão de borrhacos assados, regados de vinho torrao. E que o conde não assistiu á sua morte, prova-o a seguinte quadra do fado do Vimioso:

*O conde de Vimioso  
Um duro golpe soffreu,  
Quando the foram dizer:  
Yua Severa morreu.*

Pelo que toca ao conde de Vimioso, que apparece mascarado com o pseudonymo de conde de Marialva, ainda o erro é de maior monta. Porque o conde de Vimioso era grande cavalleiro tauroamantico, e tão grande que ninguém, desde o Sedvem até ao Ti-



Theatro D. Amelia — Ultima scena d'A Severa



noco, conseguiu egual-o; porque se a mãe cebeu com a Severa, uma meretriz pífia, e porque andava com alquile e com ciganos, entendeu o sr. Dantas que elle era um fadista á Souto de El-Rei, que *reconos* e distribua facadas na Mouraria. Pois não era tal. Quer estivesse n'um salão, quer estivesse n'uma feiçoa, o Vimioso nunca perdia o apurmo, nunca quebrava a linha de fidalgo. As chalaças, as puras graças portuguezas, irrompiam-lhe continuamente os labios, até mesmo quando estava na cavalharia do Souza do Cascaço, no

Arco do Bandeira, conversando com chalantes: o José da Levailant, o Basso capinho, o Christo, o Figueiredo das botas, o Caneco. E a esta feição capitalissima do seu espirito, devia elle o ser applaudido pelas damas nas salas, com a mesma sympathia com que as trincadeiras do sol o applaudiam nas toiradas. Ora o conde de Vimioso semsaborão, que a peça nos impinge, é um faia aludado e brutal, que maltrata as mulheres, faz escorinhas, emboca os troquilhas de cavallos, e não tem, durante quatro actos, uma só phrase graciosa, uma só laracha luzitânica, uma só, para amostra. O eminente actor Augusto Rosa foi infelicissimo na interpretação do seu papel. Den-nos um typo fanfarrão, um mixto de fadista pendenciador e de fidalgo blasonante, qualidades que se não coadunam com a personagem que elle encarna.

Se no conde de Marialva, porém, o auctor procurou symbolisar o fidalgo de 1840, tambem o typo synthetico é falsissimo, porque o fidalgo de raça não era uma enxertia do falante lovelecano e rentador.

Quanto á marquezia de pacotilha, uma tréda com superfetões cosmetics, soffrivelmente desempenhada pela actriz Maria Pia de Almeida, essa não se pôde identificar com qualquer das aristocracias do tempo. Esclados vinte annos, talvez se encontrasse alguma; mas, n'aquelle tempo, não.

A peça tem anachronismos e inexactidões. Antes de mais nada o calão é quasi inteiramente moderno. No 1.º acto ha uma descripção feita pela Severa, em que pinta o conde de Marialva



Theatro da Rua dos Condes — 1.º acto do Nictes...

lhal, Ora D. Thereza Botelho, mãe de D. Antonio da Camara (Carvalho) morou primeiro no palacio da Junqueira, hoje pertencente ao sr. conde de Burnay, e, depois, na rua de S. Felix, á Lapa, onde, a partir de 1843, deu os esplendidos bailes e as finalissimas recitas, a que concorria *tant de deses da panes* e que constituiram um dos mais brilhantes successos mundanistas da Lisboa de então. Ha, pois, aqui um erro de distancia e um anachronismo, sem notar a circumstancia do conde de Vimioso nunca ter frequentado os bailes Carvalho. Ainda n'este mesmo acto, o Marialva cita o fadinho sangue-azul \* que faz furor nos bailes do Farrobo, quando n'estes bailes — que eram a mais alta expressão do *commil faut* — jámais se tocou o fado. E a casa de pasto do *Collete Encarnado*, a que a Severa se refere, é muito posterior a 1840, e que falava n'uma traquitana que o Marialva vendeu ao *Assembleia*. Ora o Francisco da *Assembleia* foi o melhor segeiro lisboense dos fins do seculo xviii e principios do seculo xix, e, portanto, sessenta annos anterior á epocha em que se desenvolveu a açcão. No 3.º acto diz-se que a marquezia ficara com \* o Sotto-Maior na sua casaca verde-bronze a contar-lhe a ultima anecdota de Stockolmo. \* Antonio da Cunha Sotto-Maior não podia contar em 1840 as anecdotas de Stockolmo, porque só foi occupar o seu posto diplomatico naquelle côrte depois de 1856, e ahí se conservou alguns annos sem vir a Lisboa. Embora a casaca verde-bronze fesse moda em 1840, como era moda a casaca azul e a côr de pinhão, Antonio da Cunha ia sempre de casaca azul com botões de ouro e botoeira florida aos bailes Carvalho, em 1850.

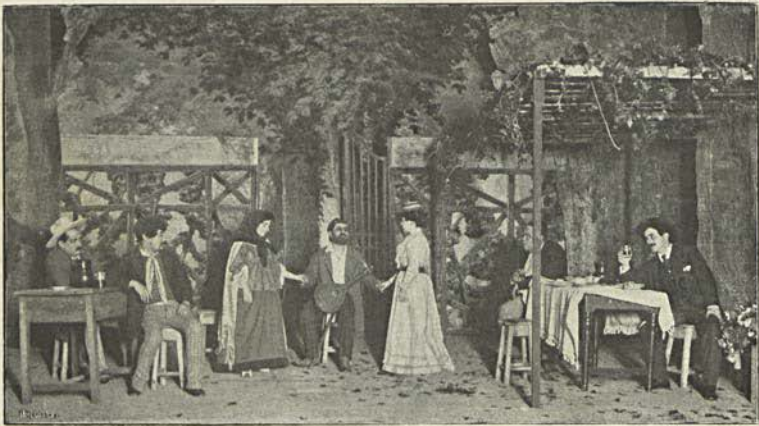
Enquanto á corrida de toiros do 3.º acto, tambem temos de a marginar com uma notula correctiva. É certo que a toirada se realizou no pateo da casa Vimioso no Campo-Grande, mas... em Agosto de 1848. Foi uma toirada sem charrelas, sem fatos á Marialva, sem cortesias, sem toiros anvalhados, e, *corne de boes!* o sorriso pornographico da Severa não compareceu e o Vimioso não toirou. Havia-se combinado que fosse toirada para novatos e que os *antigos* seriam excluidos. Construiu-se um entrenchamento de madeira e os rapazes apresentaram-se de jaleca e cinta, sem mais apparato. Tomaram parte na lide: o visconde de Almeida-Nha, cavalleiro, Paiva de Araújo, o conde de Belmonte, os dois Roquetes, e Balthazar, que eram os capinhos, Lopes de Mendonça — o marchal do folhetim, e José Horta, moços de forçado, e Mendes Leal, moço de curro. Presidiu a infanta D. Anna de Jesus Maria. Lopes de Mendonça feriu-se, e fez-se uma pégua, dando occasião a que a infanta — cuja aversão aos patulacias era notoria — dissesse:



Theatro da Avenida — 1.º acto do Talvez te escreva



"Deixem correr. E saque patuleia, não se perde nada... Lopes de Mendonça ouviu a piçunha, agastou-se, e, vindo que o caso era d'aquelles em que o sal do epigramma cahia a gelto, metteu a riso a infanta no folhetim da *Revolução de Setembro* de 22 de Agosto. Por esse motivo, o conde de Linhares pediu-lhe uma satisfação, mas não chegou a haver duello, porque os dois, encontrando-se, engalfinharam-se a socco e liquidaram a pendencia. Apesar d'isto, o sr. D. João de Menezes e Pedro Jacome Correia (depois conde de Jacome Correia) tocam á quinta da Amora a fim de pedir ao conde de Linhares para que a qu'estão ficasse encerrada.



Theatro do Principe Real—2.º acto da Rosa Encantada

Aproveitamos o ensejo para narrar outro caso, pelo qual se prova que a infanta nem á mão de Deus Padre aturava os setembristas. Quatro ou cinco annos depois da toirada do Campo-Grande, os rapazes do tom deiram outra n'um pateo da Porcalhota. Convidaram a infanta D. Anna para presidir, convite que ella accetou, impondo, porém, a condição de que não dariam bilhete de entrada a Sant'Anna e Vasconcellos. João Berquó (Cantagallo), encarregado da distribuição dos bilhetes, esqueceu-se da clausula imposta e deu um ao Sant'Anna. Na tarde da corrida, a infanta, mal viu este nos palanques, declinou categoricamente que se retirava, se elle não fosse obrigado a sair. D. Antonio de Menezes dirigiu-se então a Sant'Anna e Vasconcellos, e pediu-lhe, amigavelmente, para que se fosse embora, ao que elle annuiu. Mas, no dia immediato, Sant'Anna e Vasconcellos mandou reptar o filho primogenito da infanta, D. Pedro Loulé, actual duque de Loulé. Eram testemunhas do primeiro D. Carlos Mascarenha e Augusto Archer, e do segundo o sr. D. João de Menezes e Pedro Jacome Correia. Depois de varios incidentes, que nos é vedado referir, o duello abortou.

Não nos compete apreciar *A Secera* sob o ponto de vista litterario. Tratámos apenas da parte historica, que é a que mais particularmente nos interessa. As rapidas considerações que nos suggeriu, não foram dicitadas por um espirito de acrimonia, no intuito de agravar o sr. Julio Dantas, cujo talento admiramos. Tem simplesmente por fim elucidar o publico, para que este não forme idéas erroneas de pessoas e de coisas da Lisboa antiga, que *A Secera ad usum juvenutis* pretende reproduzir.

PINTO DE CARVALHO (Tinop.)

(1) Publicada no folhetim do sr. Alberto Pimental no *Diario de Noticias* de 13 de Junho de 1893, e republicada por mim no volume da *Lisboa de outros tempos*.

## Avenida e Rua dos Condes

«Nicles» e «Talvez te escreva»

Regimen de revistas. Revista na Avenida, revista na Rua dos Condes. Eduardo Schwabach e Sousa Bastos encarregam-se de fazer desfilir kaleidescopicamente por dois palcos, em tres horas, os acontecimentos que se arrastaram por 365 dias.

Que differença, porém, entre os processos de ambos! Inutil pretender averiguar n'este logar qual dos dois espalha mais litteratura pelos seus trabalhos. N'este genero litterario, exactamente como acontece com o *foie gras* em que tudo existe, menos o que deve ser a materia prima, a litteratura pouco tem que fazer. Graça, apparato, pasto para os olhos e para a gargalhada, é o que apreciam todos os publicos, sem excluir os exigentes.

Ora Schwabach e Sousa Bastos não se encontram nunca nos processos que empregam, e contudo ambos conseguem *réussir*.

O primeiro, visto os regulamentos e a policia não lhe darem licença para mais, pediu todos os recursos ao seu talento comico, e eil-o no campo do symbolismo e da allegoria, tirando effeitos humoristicos de todos os acontecimentos que principalmente occuparam a opinião no anno que findou.

No proprio titulo *Nicles* pretende elle symbolisar a pelintrice da nossa sociedade, em tantas manifestações revelada, e desde a exploração do titulo até á das scenas mais comicas, é sempre feliz em achados e imprevistos, nos quaes é inexgotavel a sua veia comica.

A empresa da Rua dos Condes esmerou-se em pôr a revista de Schwabach com desusado luxo e apparato, tendo a scenographia, o guarda-roupa e a *mise-en-scène* uma parte importante no exito para o qual contribuiu em larga escala a musica inspirada a felis de Philippe Duarte e o excellente desempenho de Valle, de Beatriz, de Jesuina, de Silva Pereira e de outros artistas d'aquelle escolhido grupo.

No *Talvez te escreva* revive Sousa Bastos com todos os seus processos de fazer revistas. Para lh'os realçar e pôr em relevo tem, como nunca teve, um auxiliar poderoso: Alfredo de Carvalho, que, com a sua graça especial, o seu felleo desmanchado, a sua maneira unica de dizer, de gesticular, de dar passadas largas, de encolher os hombros, é a alma de uma revista e o idolo das plateias populares. E é exactamente o felleo popular que ás suas revistas imprime Sousa Bastos que na interpretação de Alfredo de Carvalho brilha e se expande. Não ha processo mais simples, como não ha quem encontre fórma mais popular e corrente de apimentar a phrase, de envolver factos principalmente politicos n'uma atmosphera de ridiculo, de apreciar *à la diable*, de forma picaresca, personagens e acontecimentos graves, conselheiras.

Palmyra Bastos pôz, no palco da Avenida, ao serviço da revista, todo o seu talento de fina comediante, e d'elle tirou fartos e seguros effeitos.

A peça é posta com esmero e o publico enchendo o theatro corda os esforços da empresa.

D. Amelia

Coralia & C.ª

Graça desopilante, o espirito do auctor multiplicado com o de Garrido, scenas cheias de imprevisto, de movimento, de phantasia, um desempenho magifico por parte de Augusto Rosa, de Brazão, de Maria Pia d'Almeida, de Alves, de Gil, de Pinheiro, de Augusto Antunes, e de outros artistas ainda, tal é o espectáculo que atravessou a epocha carnavalesca no theatro de D. Amelia, com agrado e applauso do publico.

É, a proposito, visto que se trata de uma verdadeira farça, de uma peça propriamente carnavalesca, nada mais ridiculo que a conselheiral attitude de muita gente perante a representação d'ella, e até de varios criticos, ao apreciar-na e discutirem-na.

O que nós não chegamos a comprehender é que se discuta este genero litterario. Não vale a pena, porque o auctor da *Coralia & C.ª* nem sequer pensou n'isso — iamos apostal-o. Quando se lança no palco esta especialidade theatral uma coisa se pretende: fazer rir. Rir o publico? Está satisfeito o desejo, está realizado o fim do auctor.

Ora, vir depois d'isso a critica conspiciosa analysar, desfilir, desfilir a comedia-farça, feita para os olhos e para o riso, desopilante e despretenciosa, tendo ás *frescuras* inherentes ao genero, e indispensaveis quando trazam o cunho francez, vir a apreciar-a, discutil-a — e indignar-se — como se se tratasse de uma obra de largo folego, em que qualquer thesse social fosse posta e resolvida, mais nos paterce obra de Mr. Prudhomme que acto de critica e de bom senso.





### EM PLENO ABRIL

A abelha, a zumbir no prado,  
Gira,  
E o mel, do polen doirado,  
Tira,  
Para o seu favo arrendado!

Constroe, sob o meu beiral,  
Ninho,  
Uma andorinha real!

Promette, o pampano em flor,  
Vinho,  
Como um precioso licor,—  
Que até se possa ofertar  
A Deus, nas aras do altar!

O pomar, ao vento ondeando,  
Canta,  
Como os passaros em bando:  
A fructa já repintando . . .  
Tanta! . . .

D'entre as sombras vem saindo,  
Nova,—  
E d'um verde fresco e lindo,  
Folha d'hera que procura  
Cova,  
Que ha de ser-me sepultura!

Monte de Caparica, Torre ab., 25-1900.

BULHÃO PATO





# BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo do Conde Barão, 50

Paginas supplementares: Off. do Escribo Nunes &amp; F.º

Rua d'Assumpção, 18 e 24

Romance: Typographia Castanhete

Calçada de S. Francisco, 11

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjé Tavares

Editores

Luiz Antonio Sanches

Redacção e administração—Rua do Carmo, n.º 15, 1.º

LISBOA

Endereço telegraphico—BRATUGAL

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	Moeda brasileira.....	ANNO.....	Moeda brasileira.....	Moeda brasileira.....
Numero avulso.....	30000	ANNO.....	30000	30000
	18000	6 meses.....	18000	18000
		3 meses.....	18000	18000
		Numero avulso.....	3000	3000

## SUMMARY

Thomaz Ribeiro.

O ultimo artigo de Thomaz Ribeiro.

Carnaval em Lisboa—PUNTO DE CARVALHO (Ti-

mop).

Os soberanos de Inglaterra.

Historia do batel 'Vae com Deus' e da sua com-

panha—A miú—RAUL BRANDÃO.

Politica internacional—CONSIGLIERI PEDROSO.

Cartas a uma prima—MANUEL PENNADO.

Clopatria—Versos de ANTONIO FEIJÓ.

Chronica musical—VASCO.

Theatros—A proposito d'A Severa—PUNTO DE

CARVALHO (Timop)—Avenida e Rua dos Con-

des—JAYME VICTOR.

### Paginas supplementares

Os nossos correspondentes.

Brasil-Portugal—Reducção de preços.

Capas para o 2.º volume.

Thomaz Ribeiro.

O NOSSO JORNAL—(A quinzena noticiosa).

Cartas da Quinzena.

Illustrações de texto, capa e chromo—24

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

### No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central

dos Estados do Sul, Coronel Theodilo Pupo de Mo-

reno e José Martins Pollo, Rua de Alfindoga, 4, sobrado.

PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.

PARÁ—J. B. dos Santos &amp; C.º—(Livreria) Classica—

Rua João Alfredo, 50.

MANAOS—A. Fochadella—Casa Andersen &amp; C.º—

Praça Tumulari.

MARANHÃO—Leoncio J. de Medeiros &amp; C.º

CEARA—Salles Torres &amp; C.º

PARÁIBA—José Luiz dos Santos Magalhães (Livreria

Magalhães)—Rua Direita do Palácio, 35

P.º ELIAS—Carlos Pinto &amp; C.º (Livreria Americana).

PORTO ALEGRE—Carlos Pinto &amp; C.º (Livreria Am-

ericana). Rua Marechal Floriano, 100.

### Em Africa

BOLAMA (Guiné)—Cesar A. Correia da Silva Rom-

men, Theoureto geral da Provincia

MOÇAMBIQUE—D. Bernardo Heitor da Silveira de

Lorena.

MOSSAMEDES—José Karis Pereira, escrivão e tabel-

lão.

QUELIMANE—Henrique Lima.

BENGUELLA (Egyp) —Mathieu &amp; Tavares.

### No Continente

PORTO—(Agente geral no Porto e no norte.) Anto-

nio Couto Fernandes, Rua do Almada, 51, 1.º

EVOIRA—(Agente geral em Évora e no Sul) Leita

Freire Torralva, director da fabricacão dos tabacos.

BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.

FONTE DE LIMA—Gama, Amarel &amp; Com.º

COIMBRA—João Ribeiro Arcoaba, Arco do Ivo, 1.º 2.º

CAST. LLO BRANCO—Pedro Augusto Passoa.

S. BILN' ES—Antonio Augusto Salgueiro.

ELVAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.

S.º COBACA—José Narciso da Costa.

POM' ALÉGRE—Domitius da Guerra Conde.

LEIRIA—Manuel Pereira Dias.

FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Oliveira.

VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.

CORUÇA—José Pereira Cabral.

TAVIRA—José Maria dos Santos.

FARO—Maya &amp; Trigo.

### No Estrangeiro

PARIS—Xavier do Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

## BRASIL-PORTUGAL

### Reducção no preço da assignatura e na venda avulso

O favor com que o publico dos dois paizes tem acolhido a Revista **Brasil-Portugal** permite á empresa, ao começar o 3.º anno da sua existencia, **reduzir consideravelmente o preço da assignatura da publicação, tanto em Portugal, como nas colonias portuguezas e nos Estados do Brasil.**

Da maneira porque ella tem procedido até hoje dão testemunho os milhares de leitores d'esta Revista, que teem numero a numero verificado os esforços empregados para a collocar ao lado das melhores Revistas europeias.

No 2.º anno, que hontem findou, foram publicadas cerca de mil gravuras, isto é, excedeu-se em muito o programma inicial, nenhum grande acontecimento brasileiro, portuguez ou internacional, deixou de figurar n'estas paginas, distribuíram-se chromos a cores **hors texte**, e conseguiu-se que nomes dos mais illustres nas letras viessem abrlhantar estas columnas.

Além de outras valiosas aquisições feitas pela empresa e que mais realoe vêm dar á publicação, além de melhoramentos que vão ser introduzidos, esforçar-se-ha tambem por cumprir a promessa já feita de dedicar ás suas muito gentis leitoras um espaço na Revista consagrado ás **últimas modas**, e de que dará apropriados e elegantes **chromos** tambem **hors texte**.

Vae apparecer, do n.º 50 em deante, nas paginas supplementares, uma SECÇÃO DESTINADA A NOTICIAS que interessem os portuguezes no Brasil e os que nas colonias portuguezas tanto hoje contribuem para o engrandecimento da metropole.

E apesar das enormes despesas a que obriga uma publicação d'esta ordem, tem sido tão fecundo e vasto o favor publico que, de hoje em diante, fica reduziã consideravelmente a assignatura do **Brasil-Portugal**.

A assignatura em Portugal já o anno passado soffreu uma importante redução. Pois vae ser ainda reduziã por forma que todos possam adquirir por um preço relativamente barato esta publicação. Po-

Prozem os preciosos vinhos de Adriano Ramos Pinto







# O CARTAZ DA QUINZENA



**S. Carlos.** — Depois d'uma quinzena sensacional em que as *premières* da *Toca* e da *Iris* foram os principaes attractivos, e em que a festa artistica da gentilissima cantora, sr.<sup>a</sup> Darclée, foi uma brilhante manifestação de sympathy do publico de Lisboa pela illustre artista, prepara o empresario sr. Paccini, a segunda quinzena d'este mez com não menos attractivos: com a estreia da sr.<sup>a</sup> Bellinioni com a *Fedora*, de Giordano, e em noite de 21, e as representações das operas *Méphistopheles*, *Palhaços*, *Cavalleria*, *Rigoletto*, *Filha do Regimento* e *D. João*.

Na terça feira do Carnaval realisa-se uma interessante comedia com o *Duo da Africana*, a engraçadissima zarzuela, que é desempenhada pelos principaes artistas da companhia. Em seguida á recita haverá baile de mascarar, para o qual será a sala caprichosamente ornamentada.

**D. Maria.** — Por doença da actriz Emilia Lopes foi completamente alterada na quinzena passada a distribuição dos espectaculos, tendo que n'uma das noites se substituir pelo *Avarento* de Molière o *Mercadei* de Balzac, e ficando adiada para depois do Carnaval a *reprise* do *Pae prodigo*, a deliciosa peça de Alexandre Dumas, em que Ferreira da Silva tem uma das suas mais gloriosas creações.

Representou-se tambem a comedia de Marcellino Mesquita, *Peraltas e secas*, e continuaram os ensaios do *Caminheiro*, original de Richepin, que o sr. Julio Dantas verteu para primorosos versos portuguezes.

A seguir ao *Caminheiro*, cuja distribuição de papéis já demos no ultimo numero, entra em ensaios a nova peça de Marcellino Mesquita, *Noite do Calvario*.

Nas tres noites do Carnaval representam-se tres das mais interessantes peças do repertorio.

**D. Amelia.** — Depois do successo da *Sereza*, que levou ao D. Amelia quasi toda Lisboa, appareceu o grande numero da gargalhada, a hilariante comedia *Coralie & Companhia*, a que nos referimos n'outro logar.

Passado o Carnaval volta á scena a *Sereza*, e entra em ensaios a peça de Marcellino Mesquita, *Petronilla*, peça tirada do romance *Quo vadis*, o maior successo litterario dos ultimos annos.

Na noite de 22 realisa-se o beneficio de Jesuina Saraiva e Antonio Pinheiro, dois artistas de incontestavel valor. Representa-se uma das peças mais applaudidas do repertorio.

**Trindade.** — O *Homem das mangas*, a peça traduzida do allemão pelos srs. Freitas Branco e Mello Barreto, é a que encherá a 2.<sup>a</sup> quinzena d'este mez, porque é d'um exito tão seguro, que a empresa por certo a não poderá tirar de scena. No *Homem das mangas* entram Lucinda do Carmo e José Ricardo, que tem dois esplendidos papéis; Amelia Barros, Augusto, Delphina Victor, Rosa Paes, Francisco Costa, Isabel Marques, Gomes, etc.

O scenario é pintado por Carlos Reis, e para varios *trucs* de effeito, como bategas de chuva em scena, etc., estão-se esmerando os machinistas do theatro.

A peça vai em beneficio de Lucinda do Carmo, uma das artistas portuguezas mais apreciadas e queridas do nosso publico, e cujo talento excepcional se tem demonstrado em todo o genero, desde o drama á operetta, da alta comedia á farsça.

**Gymnasio.** — O *Pipertin & Companhia*, os *Doídos com juízo* e a *Dama das Camélias* constituíram os principaes espectaculos da quinzena passada. Nestas ultimas semanas do mez trata a empresa de pôr em scena O *Principe*, uma engraçadissima comedia de Halevy e Meilhac, destinada a ter um successo de gargalhada sem precedentes.

Na noite de 25 realisa-se n'este theatro o beneficio da Ginira Polonio, a gentilissima actriz, que este anno não fez parte de nenhuma das companhias de theatro, mas que não quer privar os seus admiradores de terem enjejo de a applaudirem uma vez ao menos por anno.

Para o seu beneficio traduziu Ginira Polonio uma comedia em 1 acto, de Courteline, intitulada *Peur des coups*, a que pôz o titulo de *Amor ao pello*.

**Avenida.** — Succede com o *Talvez te escreva*, no theatro Avenida, o mesmo que succede com o *Nicles* no theatro da Rua dos Condes. O publico gosta tanto da bella Revista de Sousa Bastos, admira tanto o trabalho de Palmyra Bastos, tem tal prazer em ouvir as pilherias de Alfredo de Carvalho, que estamos convencidos se ia um desgosto para toda Lisboa se a empresa tirasse de scena o *Talvez te escreva*. Em todo o caso as representações da revista são interrompidas uma d'estas noites para se realisar o beneficio

de Jesuina Marques com o *Bocacio*, em que a beneficiada faz o papel de Petronilla.

**Rua dos Condes.** — *Nicles*. — sempre o *Nicles*! a engraçadissima revista de Schwalbach. Como o publico lhe enche todas as noites o theatro, a empresa entende, e entende muito bem, que seria disparate variar de espectaculos.

**Principe Real.** — O successo da 1.<sup>a</sup> quinzena d'este mez foi a *Rosa Engeitada*, a deliciosa peça de D. João da Camara. E esse successo prolonga-se o prometto durar muito tempo, pelo que se fica sabendo que a peça de resistencia na 2.<sup>a</sup> quinzena é tambem a *Rosa Engeitada*.

Em 1 de março sobe á scena o drama em 3 actos *O cabo Simão*, traduzido pelo sr. José Bento de Araujo Assis.

A distribuição dos papéis é a seguinte:

O cabo Simão.....	Peixoto.
O general Roquebert.....	Pato Moniz.
Taverny.....	Caetano Reis.
Picard, caçador.....	Luciano.
Pigode, recruta.....	Ferreira.
Pedro Frochard.....	Torres.
Luciano.....	Baptista.
Potichon.....	Machado.
O tabellião.....	Ferreira.
Um ajudante de campo.....	Ramos.
Uma ordenança.....	Mendonça.
Genevra.....	Adelina Ruas.
Mina Rantsberg.....	Maria das Dóres.
Mariquinhas.....	Encarnação Reis.
Ermelinda, de 5 annos.....	Alina Ruas.
A vivandeteira.....	Elisa Aragonez.

O *cabo Simão* vai em beneficio do actor Peixoto.

**Colyseu dos Recreios.** — As festas do Carnaval n'este Colyseu promettem ser deslumbrantes. Santos Junior, que conseguiu apresentarnos este anno uma das melhores companhias do mundo, trabalha com todo o afincio para que as festas do Carnaval sejam tão brilhantes, que offusquem todas as outras.

**Dr. Oscar Leal.** — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.<sup>a</sup> ordem á RUA DO CARMO, 35, 1.<sup>o</sup> (CHTADO)



## ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto.

— Sempre as ultimas novidades —

RUA DO ALECRIM, 114, 1.<sup>o</sup>

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.



**Notas falsas**

O aparecimento de notas de 50000 réis falsas tem preocupado muito a praça de Lisboa e o governo. O Banco de Portugal, que d'outras vezes tem trocado as notas de menor importância, que apparecem falsificadas no mercado, d'esta vez, em vista da importância do caso, recusou-se a aceitar-as e d'ahi o retratamento que se nota em todas as transacções na circulação d'essas notas. O caso foi tratado já no parlamento e o governo declarou tratar do assumpto, que é grave, pois se o publico começar a reciar-se das notas e preferir metal, é claro que as reservas do Banco nuncas poderão chegar para as transacções.

As primeiras notas falsas de 50000 réis appareceram em Villa Viçosa. A policia tomou conta do caso, tem tido varias conferencias com a direcção do Banco, tem procedido a varias investigações, mas por ora nada se apurou senão que o fabrico é feito, não no paiz, mas em Hespanha, pois testemunhas da provincia dizem que em varias localidades appareceram sujeitos a vender notas do Banco por 50 por cento a menos do seu valor.

**Nos e os boers**

Correu com insistencia, por causa de varios telegrammas publicados nos jornaes estrangeiros, que os boers haviam cortado, em duas partes, pelo menos, a linha ferrea de Lourenço Marques a Pretoria. Felizmente, a noticia não é verdadeira, segundo noticias officiaes das autoridades portuguezas de Lourenço Marques, que por ora não julgam sequer necessario o reforço de tropas, que estava já projectado fazer-se.

É provavel, no entanto, que para lá para em breve outra expedição militar. Os preparativos estão feitos para a primeira voz.

**Conselheiro Nogueira Soares**

Uma das duas vagas que agora existem na Camara dos Pares pelo fallecimento do conde de Valbom e de Thomaz Ribeiro, vae ser preenchida pelo sr. conselheiro Nogueira Soares, ministro de Portugal em Berne e antigo representante nosso no Rio de Janeiro. O novo par é um homem muito distincto, funcionario e diplomata que tem sempre honrado o paiz.

**Telegraphia sem fio**

Vão fazer-se experiencias officiaes de telegraphia sem fio. Osapparehles devem chegar breve. São do systema Marconi, que não é de difficil installação e pôde ser explorado por quem conhece os apparehles usuaes. As experiencias far-se-hão entre o Castello de S. Jorge, em Lisboa, e Palmella.

**Monumento a Sousa Martins**

Já começou a levantar-se o tapume em volta do monumento que, no Campo dos Martyres da Patria (antigo Campo de Sant'Anna), em frente do novo edificio da Escola Medica, tinha sido erigido ha mezes, por subscrição entre os admiradores do illustre medico, que foi uma das summidades scientificas da nossa Escola de medicina.

Como se sabe, em volta d'este monumento levantou-se grande tropa dos jornaes e do publico e o resultado foi os subscriptores antedezem que elle devia ser substituido por outro. O projecto do novo monumento já está feito e approved.

É a primeira vez que, pelo menos no nosso paiz, succede um caso d'estes, tão desairoso para o artista que o executou e para a commissão que o approved.

**Propostas de Fazenda**

Nos ultimos dias d'este mez apresentará o sr. Ministro da Fazenda as suas propostas ás Camaras, que agora discute demorada e professionalmente o decreto das concessões do Ultramar.

**Fallencia**

Foi declarada fallencia, a requerimento de Ernesto Rau, á Sociedade anonyma de responsabilidade limitada, Companhia de Viação Funicular, a S. Sebastião da Pedreira. Esta Companhia era proprietaria dos elevadores que faziam carreira entre o Rocio e as portas de S. Sebastião, carreiras que foram suspensas.

Os curadores são a requerente e o Companhia do Gaz.

**Magistratura judicial**

Na vaga aberta no Supremo Tribunal pela morte do juiz Teixeira de Queiroz, pae do grande romancista Eça de Queiroz, é promovido o juiz da relação do Porto, conde de Paçõs Vieira, que será ali substituido pelo dr. Joaquim Bernardo Soares, juiz na Relação dos Acores. Para este tribunal vae o juiz de Ponte de Lima, José Maria Pestana de Vasconcellos.

**O caso do consul brasileiro no Porto**

A questião suscitada entre o consul do Brasil no Porto o sr. Coarmon e sua filha, caso que tem dado muito que fallar n'aquella cidade, achou echo pela segunda vez, na camara dos Pares do Reino. O sr. conde de Bertandos alludindo a ter o tribunal, no pleito intentado pedindo a interdição de sua filha, declarado que essa senhora estava no uso pleno da razão, e sabendo que um policia postado á porta do consulado, impedia que essa senhora sahisse á rua, chamou a attenção do governo para fazer garantir os direitos de cada um. Respondeu-lhe o sr. Presidente do Conselho dizendo que o governo não pode intervir em questões de familia e que se existe no caso a intervenção dos agentes policiaes é porque ella foi reclamada ou para manter a ordem ou para manter os direitos individuaes.

D'esta resposta concluiu o sr. conde de Bertandos que se o consul quizer sahir do Porto levando á força sua filha, a policia o não consentirá e que se essa senhora quizer sahir de casa a policia tambem o não permitirá. O sr. visconde de Chancelleries, sabendo que essa senhora é maior, pois tem já 33 annos, e está no uso pleno das suas facultades e dos seus direitos, entende que a policia não pode nem deve intervir senão para fazer respeitar esses direitos.

**Representação diplomatica na Suecia**

O ministro dos Estrangeiros apresentou á Camara o projecto supranuncindo o consulado de 1.ª classe em Stockolmo, e redundo o numero de consules de 1.ª classe a 25.

Em Stockolmo é estabelecida uma legação de 2.ª classe, cujo chefe será acreditado tambem junto da corte de Copenhague (Dinamarca).

**Um homem duplo**

Está agora exposto em Lisboa um phenomeno curioso. Introlta-se o *Joven duplicado*, porque do seu estomago sahe um corpo humano, especie de feto, completo, mas sem cabeça. Esse feto mexe as pernas e as mãos, mas com pouca accião.

O phenomeno tem chamado a attenção do publico, que no primeiro dia da exposião concorreu em numero superior a 2000 pessoas, e está despertando a curiosidade dos medicos. No proximo numero daremos o seu retrato.

**Jantares e sarras**

O nuncio de Sua Santidade offereceu no dia 10 um jantar a que assistiram o Presidente do Conselho, os ministros da justica e dos estrangeiros, além de outros politicos e ministros de situações passadas.

O ministro dos estrangeiros, o sr. dr. João Arroyo deu segunda feira 11 um elegante *raout* em sua casa. Estiveram além de muitas outras senhoras da sociedade elegante as ministras da Alemanha, Italia e Austria e os ministros da Alemanha, Hespanha, Brasil, Italia e Russia, secretario da França, ministros, pares e deputados.

No dia 12, Sua Magestade a Rainha, offereceu, em despedida da sua regencia, um jantar ao ministerio. Assistiram todos com excepção do ministro das Obras Publicas que, de manhã havia partido para a fronteira esperar El-Rei.

**Casamentos**

Casaram em Lisboa: D. Alice Fernandes Chaves, filha do negociante Henrique José Chaves, com Daniel Campos Mello, filho da sr.ª Viscondessa da Corsicada; D. Elisa Lahmeyer, com o Dr. Adolpho Bernardo Frohke Lahmeyer, com o Dr. Christino de Aguiar Moraes; D. Carlota Brito Macieira com Fernando Augusto Viçosa; D. Maria Luiza James d'Arriaga com o dr. Ricardo Branco Borges de Sousa, advogado; D. Maria Lima Cabral Metello, filha do director geral da Camara dos Pares Dr. Cabral Metello, com o engenheiro civil Domingos de Lacerda Pinto Barreiros; D. Tiburcia da Conceição Santos com José Guedes de Carvalho Meneses.

Em Cintra: D. Domingas Izabel com José Filipe dos Santos, artista.

Em Braga: D. Laura Loureiro Sá Sotto Maior Pizarro com o barão dos Casaes do Douro. Em Almeirim: D. Margarida Braamcamp de Mello Breyner, filha dos condes de Sobral, com o bacharel formado em philosophia Dr. José Cardoso de Menezes Martins, filho dos condes de Margardie.

**Bilhares de precisão**

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

**MONARCH**

Pannos, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade—Cartas, Tentes e Fixas para todos os jogos

Viaja de José Alexandre de Senna

28 — Rua Seta do Alameda — 28

CASA FUNDADA EM 1824

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

**H. PARRY & SON**

Construção de navios de ferro e aço

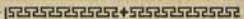
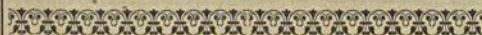
Caldelas e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM COILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

**CANDIEIROS**

« Em todos os generos »

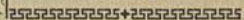
Canalisações para agua e gaz

Tubos de chumbo, borracha, lona, latão e ferro. Loção de ferro esmaltao. Retretes de varios systemas Objectos proprios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA





— **Peire Galdós**

## O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

II

### Atiravez das minas

E os gestos e os movimentos grotescos d'aquellas cabeças desproporcionadas ficaram fixos para sempre como as attitudes insulteráveis das esculturas. Apavorara o silencio, que enchia aquella especie de funil de proporções enfiadas.

— Onde estamos? perguntou Gólfim. Isto é um pesadelo!

— Esta zona da mina chamava-se *Terrível*, respondeu o cego indifferente ao assombro do companheiro. Deixou de ser explorada ha dois annos, quando se exgotou o mineral de calamina. Os trabalhos fazem-se hoje em outras zonas, mais acima. O que lhe causa tanta admiração são blocos de pedra, a que chamam cretaeas, e de argilla ferruginosa endurecida, que para ahí ficaram depois da extracção do mineral. Dizem que isto apresenta um bello ponto de vista, principalmente em noites de luar. D'isso nada sei.

— É um espectáculo unico! disse Gólfim. Mas causa-me mais espanto que prazer. Faz-me pensar nas minhas nevralgias. Parece que vijo pelo interior d'um cráneo atacado de enxaqueca. Estas figuras são como as feras vagias que a dor nevralgica engendra, confundendo-as com os phantasmas creados pela febre.

— Aqui, *Choto!* aqui bradou o cego. Cautela agora! Vamos entrar a uma galeria.

E o cego, apalpando o solo com o pau ferrado, dirigiu-se para uma especie de porta baixa, formada por tres vigas pedregas. O cho entrou adiante, furejando a cavidade negra como a noite, e o cego seguiu-o tranquillamente, com o passo seguro, de quem vive em treguas perpetuas. *Choto* entrou tambem, não se experimentando certa repugnancia por aquella excursão subterranea.

— E' pasmoso, meu amigo, disse elle, como anda por aqui sem tropeçar!

— Creio-me n'estes sitios, e ando por ellas como por minha casa. Previno-o de que aqui ha sempre frijo. Abafe-se, portanto, se tem com que. Não tarda que cheguemos ao fim.

E seguiu avante com a mão direita na parede, que era formada de vigas perpendiculars, enterradas no chão.

— Cuidado com os carris que ha por ahí espalhados. E' por esta galeria que vem o mineral das dependencias superiores. Sente frijo?

— Quer-me parecer, interrompeu o dr. Gólfim alegremente, que a terra nos enguliu, que esta passagem se assemelha a um esphago, e que nós não somos mais do que pequenos vermes cuidos no estomago de um grande insectivo. *Brr!* Vem muitas vezes a estas amenias paragens?

— Muitas, e agradam-me estes passeios. Chegamos á porta secca. Agora pisamos areia e pedra. Por aqui encontram-se filtrações de agua sulfurea e conchas petrificadas. Não ouve a voz rouca de um sapo? Estamos perto da saída. E' o ruído d'elle todas as noites. Conheço... Nela! Nela!

— Quem? o sapo?

— Sim, senhor. Pouco falta já.

— Effectivamente, vejo como um grande olho meo apagado, que nos espreita.

— E' a abertura da galeria.

Quando subiram, nos ouvidos de Gólfim chego o som da mesma voz, que pouco antes o surpreendera. O cego ouviu-a tambem, e, voltando-se para elle, disse-lhe, sorrindo com certo orgulho e alegria:

— Ouve-a?

— Quem é a cantora?

Em vez de responder, o cego parou, e, fazendo das mãos porta-voz, bradou:

— Nela! Nela!

E o echo repetiu *Nela! Nela!* so longe nas quebradas, até esmorecer na distancia e no silencio da noite.

— Não venhas! tornou elle a bradar. Espera ahí, na serrallheria! na serrallheria!

|| E voltando-se para Theodoro:

— A Nela é a rapariga que me acompanhava. E' o meu cão de cego. Hoje, ao anoitecer, voltamos nós do prado grande, e como fazia frijo e meu pae não gosta que eu ande de noite assim á ligeira, metti-me na cabana de Remolinos, enquanto a Nela ia a minha casa buscar a capa. Só depois d'ella partir é que me lembrei de que tu e o amigo meu irias visitarme. Não tive paciencia para esperar pela Nela e parti com o *Choto*. Foi então que o encontrei na *Terrível*. D'aqui a pouco chegamos á serrallheria e ahí nos separamos, porque meu pae zangava-se quando recolho tarde. Nela o acompanhara até ás officinas.

A galeria tinha sahida para um ponto da montanha singularissima. Era uma especie de cavidade profunda aberta no solo, semelhante ás causadas pelos tremores de terra violentos: era obra da p-careta de mineiros. Parecia o interior de um grande navio naufragado nos cachopos de uma praia, mas meo dobrado sobre a q-illia. E n'esse casco encanarado apparecia o cavername descarrado e enormes blocos de pedra com restos de um cargo revolvido pelas ondas. E, era tal a illusão alimentada pela pouca claridade da lua, que Gólfim julgou ver, entre nullo despejos, cadaveres quasi devorados pelos peixes, mummies, esqueletos, tudo isto immovel, adormecido. E como que para dar mais vida ao quadro, ouvia-se o marulhar de ondas chocando-se no rebordo de um casco, ou rebentando em praia deserta.

— E' agua o que se ouve?

— Esse ruído, respondeu o cego parando, e que parece... como hei-de dizel-o? Não é verdade que parecem gargarejos de pessoa doente de garganta?

— Exato. E de onde parte este rumor? Será um Atrando-se de cabega.

— Não, senhor. Aqui pela esquerda, logo abaixo de uma elevação de terreno, ha uma grande abertura, um abismo, que não tem fim. Chamam-lhe a *Trascava*. Muitas pessoas julgam que vae dar ao mar, nas immedições de Fricobriga.

Outros dizem que lá no fundo corre um rio, que está sempre dando voltas e voltas, como uma roda, e isto, julgo que será redondo. Ha tambem quem supponha que das entranhas da terra vem uma corrente de ar, que, ao chocar-se com a agua a faz ferver.

— Já lá foi algum abaixo?

— Só se pôde descer de uma maneira?

— Qual?

— Atrando-se de cabega. Os que lá tem entrado não mais tornaram a sair. E' pebal! Só assim se saberia o que aquillo é. A boca da caverna está muito longe d'aqui. Ha dois annos os mineiros, cavando n'este mesmo sitio em que estamos, desco-briram uma greta e por ella ouviram o mesmo ruído que se ouve agora. A greta deve comunicar com essas galerias subterraneas.

Basta apanhar um pedaço de madeira, e fazer uma rampa, aqui do lado esquerdo, para lá chegar. Ha lá sitio para se sentar. Toda a gente tem medo de se approximar. Mas eu e a Nela sentamo-nos ali muitas vezes a ouvir a voz do abismo. Effectivamente parece que tem voz. A Nela diz e afirma que ouve palavras e que as distingue claramente. Eu nunca as ouvi. O que parece esse ruído é o mesmo estado, de monologo ora triste, ora alegre, ora trocista.

— Afinal tudo se reduz a gargarejos da terra com angina, disse Theodoro, rindo.

— Parece de longe... Mas não nos demoremos, que é tarde. Vamos entrar n'outra galeria, que a neto se divide em duas. Ha depois um labyrintho de outras galerias que se cruzam e que estão em esse mesmo estado, desde que foram abandonadas. Anda para a frente, *Choto!*

O cão mettu-se por um buraco como furão na pista de um coelho e o doutor e o seu guia seguiram-o. O cego ia sempre tentando com o pau ferrado o tortuoso e estreito corredor. Nunca o sentido do tacto se evidenciara com tanta delicadeza e finura. O caminhar seguia em curvas apertadas sempre entre paredes de barrotes e taboado meo apodrecido pela humidade.

— Sabes como que tudo isto se parece? perguntou o doutor, que já percebera que as comparações agradavam ao seu guia. Parece-se com os pensamentos de um malvado e nós com a intuição de maldade penetrando-lhe na consciencia para a fazer sentir a sua heiltoza.

Com grande surpresa de Gólfim, o cego, comprehendendo-o, respondeu:

— Para os que vivem n'esse paiz desconhecido da Luz, estas galerias devem de ser tristes. Mas eu que vivo nas trevas encontro não sei que con-

formidade entre a terra e o meu proprio ser. Ando por aqui como o senhor: anda pelas mais largas ruas. Se não fosse ao ar vivo e a outras vezes a humidade excessiva, preferia estes subterraneos a tudo o mais.

— E' um meditador!

— Sinto no cerebro um vazio! uma especie de tunnel como este em que estamos, e por onde correm sem cessar as minhas ideias nítidas e claras.

— Coitado! Como deve ser triste não poder ver nunca a abobada azul do céu á hora do sol! exclamou Gólfim. E diga-me cá: este tunnel não se acaba?

— Pouco falta para chegarmos ao fim. Dizia então que a abobada azul do céu?... Imagino que será uma especie de concavidade harmoniosa, a que parece se arrijando e estendendo o braço, mas em que realmente se não pôde tocar.

Neste momento chegavam á boca do tunnel. Gólfim aspirou com delicia o ar fresco da noite, e, como se o livrassem de um grande peso, exclamou:

— Ora graças a Deus que vos torno a vêr, estais do firmamento! Nunca me parecerão tão brilhantes como agora!

O cego acorreu-lhe ao encontro, e disse-lhe, mostrando-lhe uma pedra que trazia na mão:

— Apanhei lá dentro este calcareo crystalizado. Pelo tacto afigura-se-me que todos os crystallos ligados devem formar um todo perfeito e agradável á vista. Ou não?

— Ah! meu pobre amigo! disse Gólfim tocado de compaixão. Se tivesses olhos nem attentaria n'esse pedregulho, que nada vale comparado com esta abobada suspensa, toda crivada de milhoes de lumes.

O cego lançou os olhos para cima e disse com funda tristeza:

— E acabo existim ellas, as estrellas!

— Deus é infinitamente grande e misericordioso, respondeu Gólfim, pondo-lhe a mão no hombro. Quem sabe, meu amigo, quem sabe!... Tem-se dado, dão-se todos os dias casos extraordinarios...

E ao pronunciar estas palavras, olhava attentamente para o cego, tentando examinar á fronsa ha luz dos olhos e das pupilas apagadas. E o cego, cravando os olhos sem luz no ponto de encontro para a voz do medico, sorria-se tristemente.

— Não tenho esperanças, murmurou elle.

Achavam-se agora em um ponto elevado e aberto. O luar espraiava-se por valles accidentados e extensos taludes, semelhantes a escarpas de enormes fortificações. Pela esquerda destacavam-se casarinas brancas, postas á beira da vertente de um monte.

— E' ali que está a minha casa, disse o cego. E' lá em cima. Aquellas tres casas é tudo o que hoje ha do logar de Aldeacorbá de Sudo. O resto foi apropriado pouco a pouco para exploração do terreno. O subsolo é todo de cal amina. Os nossos antepassados nunca souberam que viviam sobre fortunas colossaes.

Neste momento appareceu correndo, n'uma volta do caminho, uma rapariga, quasi uma creança de pequena estatura.

— Nela! Nela! bradou o cego. Trazes a capa?

— Aqui está! respondeu ella.

E pôz-lhe a mão sobre a cabeça apagada.

— Esta é a que cantava ha pouco? perguntou Gólfim. Sabes que tens uma voz deliciosa, pequenina!

— Canta admiravelmente! disse o cego, entusiasmado. Agora, Muria, vae acompanharte este senhor até ás officinas. Eu fico em casa. Já lá ouço a voz de meu pae, que anda em minha procura. Lá vou! lá vou!

— Vá, disse-lhe Gólfim, apertando-lhe a mão. A noite está fria e não é prudente andar por fóra. Obrigado pela companhia. Espero que travaremos relações mais intimas. Tenciono demonstrar-me por cá algum tempo. Eu sou irmão de Carlos Gólfim, o engenheiro d'estas minas.

— Deveras? O senhor é meu amigo de meu pae e meu. Espera o desho homem.

— Cheguel esta tarde á estação de Villamojada, onde me disseram que as minas de Socartes ficavam perto e que podia vir a pé. Como gosto da paisagem e não desgosto de andar, mandei a bagagem adiante n'um carro e puz-me a caminhar.

— Deveras? O senhor é meu amigo de meu pae e meu. Espera o desho homem. Cheguel esta tarde á estação de Villamojada, onde me disseram que as minas de Socartes ficavam perto e que podia vir a pé. Como gosto da paisagem e não desgosto de andar, mandei a bagagem adiante n'um carro e puz-me a caminhar. Deveras? O senhor é meu amigo de meu pae e meu. Espera o desho homem. Cheguel esta tarde á estação de Villamojada, onde me disseram que as minas de Socartes ficavam perto e que podia vir a pé. Como gosto da paisagem e não desgosto de andar, mandei a bagagem adiante n'um carro e puz-me a caminhar.

(Continúa)





FABRICA: Rua de S. Christovão N.º 129  
 DEPOSITO & ESCRITORIO: Rua da Constituição, N.º 3  
 TELEPHONE N.º 125

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidez; encarregando-se tambem de remetter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as cautellas. A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeiçoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança o que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.

N'ESTA grande e acreditada fabrica en-  
 contra-se uma collecção a mais completa  
 e variada de moveis solidos e elegante-  
 mente construidos, das mais bellas e pre-  
 ciosas madeiras do paiz.

A fabrica, que sem contestação é uma  
 das primeiras do nosso paiz, n'este genero  
 encarrega-se da factura de mobílias comple-  
 tas, moveis avulsos ou quaesquer outros

Libraria moderna FERLEIRA & SILVA

PARA — R. Coas.º João Alfredo, 33

Letura exenta

Sortimento completo de livros de  
 litteratura, direito, instrucção, etc

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Preços sem competencia

Endereço telegraphico: M. 11711

**BRASIL-PORTUGAL**

Único representante do 4.º centenario  
 do Brasil

A venda na redacção do  
 "BRASIL-PORTUGAL"

Rua do Carmo, 15

**Livros uteis e instructivos**

EDIÇÕES DA EMPRESA EDITORA de F. Arthur da Silva — LISBOA

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA — de Antonio de Rocha Pitta — Desde o anno de 1500 até ao de 1714 — 8 volumes em 4 tomos por J. Gomes Gora, in 8.º grade, 2.ª edição de luxo com 10 grav. a um preço broch. 12.000

Em 1/2 encad. franceza 18.000

RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL — Silveira Pinto e Vinagre de Sanches de Bessa — 3 vol. in-4.º grande, com 12 grav. — edição de luxo, com gravuras de armas no texto, br. 10.000

Em 1/2 encad. franceza 12.000

O INGENHOZO FIDALGO QUOTE DE LA MANCHA — D. Miguel de Cervantes Saavedra — Versão do Visconde de Benaçaff — 3 vol. in-8.º com 1.658 pag. — com 1 grav. broch. 2.500

Em 1/2 encad. franceza 3.500

OS SIERTOS D'AFRICA — Alfredo Sarmiento — Apontamentos de viagem, in-8.º com 45 grav. e a grav. de Ambriz, br. 500

Em 1/2 encad. franceza 700



HISTORIA UNIVERSAL — C. Cantor — Desde a creação do mundo até a nossa epocha — Tradução por Manoel Bernardo Buarque, 43 volumes, in-4.º gr., 2.ª edição, com 11 gravuras, br. 18.000

Em encad. franceza 24.000

OS ULTIMOS TRINTA ANNOS, 1838 a 1868 — C. Cantor — Versão pelo Visconde de Castilho — in-4.º, com 512 paginas e retrato do autor, br. 1.000

Em encad. franceza 1.500

DICTIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICTIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA — D. Jo. e M. A. A. G. de Lacerda — Dictionario de synonymos, Vocabulario da lingua Brasileira, os Typy, Vocabulario do dia-to Guarany, 2 vol. in-folio, 3.ª edição, com 340 pag. enc. 12.000

HISTORIA DAS PERSEGUIÇÕES POLITICAS E RELIGIOSAS, occorridas no Hespanha e Portugal, desde a idade media até aos nossos dias — Versão do Visconde de Tróvão, 2 vol., in-8.º, com 1740 pag. 4.º grav. br. 12.000

Em 1/2 encad. franceza 18.000

Remette-se franco de porte o catalogo illustrado



**NOVOS RELOGIOS REMONTOIRS**

Com mostradores luminosos nos quaes se vê as horas ás escuras

Diplomas e medalhas: Exposição de Genova 1868, Roubaix 1876, Paris, 1900

	Moeda portug.	Moeda Brazil.
1.º — Relógio Remontoir, mostrador luminoso, muito soldo e elegante, caixa em aço, fechando hermeticamente, rev. erado à poeta, excellente andamento, cylindro 6 rubis curvado, tamanho 18 linhas.....	18000	15000
2.º — Idem, com uma caixa forte em prata.....	18000	25000
3.º — Idem, em ouro.....	24000	12000
4.º — Relógio Remontoir, para senhora, 11 linhas, muito elegante, caixa em aço.....	4500	2000
5.º — Idem, em prata.....	6000	3000
6.º — Idem, em ouro.....	10000	5000
7.º — Relógio Remontoir, Brasileiro, esta novidade, formando relógio e base para o mesmo tempo, mostrador luminoso, tendo no mostrador a bandeira grande a carta geographica de Portugal ou do Brazil, Africa, ou de outros, para facillisar a ler as horas e orientação, tamanho 18 linhas, excellentissimo andamento, especialidade para militares, caçadores, viajantes, engenheiros, com caixa de nicol.....	5000	—
Idem, em prata.....	8000	—
Idem, em ouro.....	3000	—

Para encomenda de 6 relógios faz-se o desconto de 10 9/16. Expedição para Portugal contra vale do Correio, incluindo de franquia, para o Brasil contra cheque bancario, incluindo de franquia.

Expede-se toda a qualidade de relógios por encomenda, sejam chronometros, com boletins de observatorio, chronographos, relógios de repetição com quartos e minutos, padometers, etc.

**P. A. JOANNOT, FABRICANTE DE RELOGIOS**

FUNDADO EM 1847

GENOVA (Suissa)



**ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILUSTRADA**

Acba-se publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. 33\$000 réis, enc. 40\$000 réis. Assinatura permanente. — Publicação de uma enciclopedia mensal ao preço de 3\$000 réis francos de porto.

EDITORES: **LEMOS & C.º** successores  
Largo de S. Domingos, 63. — PORTO  
AGENTES NO RIO DE JANEIRO  
**A. Mascarenhas & C.º** — Rua da Quitanda, 33  
Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim  
**CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ**

**DICCIONARIO UNIVERSAL** publicado sob a direcção de **MAXIMIANO LEMOS**

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carqueia, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Edúardo Saqueira, Ernesto Mala, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Clá, Francisco de Assis, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jay de Faria, Jayme Filinto, dr. João Pires, Joaquim A. Cambeze, José Candido Correia, J. M. Rayoso Botelho, J. N. Rayoso Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Saupala (Bran.), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viçegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Querrel Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machad., Torophilo Braga, Valentin de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.

Leite da Escola Medica Gregaria de Porto

## PERNAMBUCO PENSÃO DERBY

Hotel installado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e sandáveis de Pernambuco.

60 salas e quartos. Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Botes para passeio. etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE — ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço telegraphico — DERBY. Casas de correio n.º 133. O Banh de Derby passa perto da Prisão.



# VICTORIA

O melhor vinho do PORTO

**MENÉRES  
& Comp.ª**

**PORTO**





Casa Fundada em 1886

**JOSÉ MENDES LEITE & C.**

DEPOSITO DE INSTRUMENTOS DE MUSICA

18, Rua 15 de Novembro, 18



Instrumentos de Musica

Accessorios para os mesmos

NO GENERO

UNICA CASA DE CONFIANCA

Especialidade em cordas para violão, rubecas e violas

Endereço telegraphico

«Mendes»

Caixa no correio

N.º 488



Registrada por despacho da Onerissima Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidos, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

**José Mendes Leite & C.**

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA



# GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

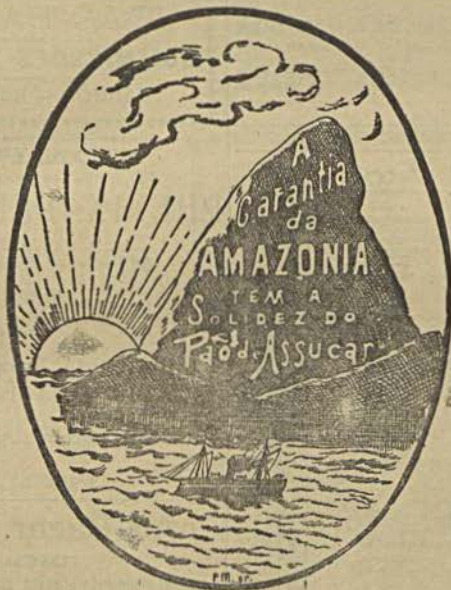
Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263:000\$000

Seguros realçados em vigor.....	50.297.000\$000	Reserva de re-seguro.....	2.601:265\$577
Novos seguros propostos em 1899.....	24.451:000\$000	Sobras-Garantia supplementar.....	491:282\$804
Seguros accites em 1899.....	20.895:000\$000	Valor actual sobre o valor nominal de títulos e predios que possui.....	200:000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899.....	3.556:000\$000	Sinistros pagos até esta data.....	1.028.000\$000
Renda em 1899.....	3.428:548\$128		

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

“Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encómio que aqui registrassemos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a atenção para o facto de que:

“Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço”.

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

## ✽ GARANTIA DA AMAZONIA ✽

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitães mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL



**COMPAGNIE**  
des Messageries Maritimes  
Paquebots post français  
LIGNA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.  
Para passageiros de 3.<sup>o</sup> classe veja-se com José Antunes dos Santos & C.<sup>a</sup>, 4, Praça dos Remolares.  
Para cargas, passagens e todas as informações, trata-se na agência da Companhia, Rua Aurea, 32.  
Pela Companhia das Messageries Maritimes  
St. Toulon.

**VINHOS DO PORTO**  
Marca registrada  
Santos J.<sup>o</sup>  
Porto  
Casa fundada em 1872  
A. Pinto Santos Junior & Comp.<sup>a</sup>  
Premiada com os primeiros premios em todas as exposições.

**CESAR A. PAIVA**  
CIRURGIÃO DENTISTA  
SUAS MAGESTADES E ALTEZAS  
CONSULTORIO  
R. do Arsenal, 100, 1.<sup>o</sup>  
LISBOA

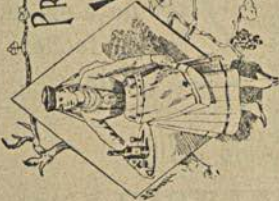
Almanach Illustrado  
do BRASIL PORTUGAL  
Para 1901  
A' venda em todas as liv.arias, kiosques e tabacarias

**BILHARES ARTISTICOS PRIVILEGIADOS**  
Unicos guarnecidos com a celebre tabella SOUVERAINE  
Fornecedor unico depositario em Portugal da celebre tabella SOUVERAINE e de todos os acc. sortios da casa F. W. WEBER, de Paris.  
**A maior fabrica de BILHARES do mundo**  
Grande sortimento de pianos de 4 até 90 liras  
**PIANOS**  
Unicos depositos em Portugal dos celebres pianos de F. WEBER, de Berlin.  
ANTONIO J. P. SAMPAIO  
Largo da Graça, 114, 115 e 15-A — Officinas — Travessa do Monte-IBO

**Atelier-Photo-Chimico-Graphico**  
P. MARINHO & C.<sup>a</sup> — Rua de S. Paulo, 216, 2.<sup>o</sup> — LISBOA  
NUMERO TELEPHONICO 823  
Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos de paz. em todos os trabalhos.  
Execução perfeita.

**JOÃO BASTOS & C.<sup>TA</sup>**  
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES  
LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.<sup>o</sup>

PROVAE OS DELICIOSOS  
**VINHOS DO PORTO**  
DE  
Constapino Almeida



**COMPANHIA PHENIX PERNAMBUCANA**  
(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)  
FUNDADA EM 1870  
Dr. Manoel Gomes Malta  
DIRECTORIA Joaquim Dias Fernandes  
Luiz Duprat  
SÉDE: RECIFE — RUA DO COMMERCIO, 46  
PERNAMBUCO

**Ao Bazar da Industria**  
TAVEIRA BARBOZA & C.<sup>a</sup>  
R. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42 — Caixa Postal n.<sup>o</sup> 487 — BRASIL — PARÁ  
Completo sortimento de artigos para escriptorio, papelerias, livros em branco, chapéus, tarantulas, cordas para violão. Kalligos. Caixas de musica. Kungas fletas, perfumarias, licores. Camas de viagem, binoculos, artigos para presentes.  
**GRAND RAYON DE MIUDEZAS**  
O systema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria.  
Vendas por atacado e a retalho

**LA UNION Y EL PHENIX ESPAÑOL**  
Capital social 3.000.000.000 rs.  
13.600.000.000 REIS  
Do ultimo pago desde 1868 até 1895  
PERMITE E REEMBOLSA 5.000.000.000 rs.  
Supere com os outros seguradores de guerra  
Especialidade em seguros maritimos  
Equipter Atlantico e Hajas Maritimas  
Seguros de frotas e de transporte de passageiros e de mercaderias  
DIRECCION — Lima Mayor & Pizarro  
LIMAS — Casa de Pizarro, 147, 3.<sup>o</sup>

**LA BÉCARRE**  
F. CARNEIRO & C.<sup>a</sup>  
PAPELARIA E TYPOGRAPHIA  
Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brinde. Trabalhos typographicos em todos os generos.  
Rua Nova do Almada, 47 e 49 — LISBOA.

**HOTEL DURAND**  
English Hotel — Lisboa  
T. Rua das Flores — Largo do Quatella  
Este hotel, situado na parte mais central da cidade, é o mais moderno e confortável de primeira classe.



## Salsa, Tayuyá e Mururé Beirão

*Soberano depurativo do sangue*

Approvada pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças originarias do sangue viciado, diferentes manifestações da syphilis, rheumatismo, gotta, cancro, escrophulas, tumores, boubas, ulceras de mau caracter no collo do utero e garganta, inchação nas pernas, molestias da pelle, empigens, dattros, escoriações, granulações no rosto, vegetações e blemorrhagias agudas ou chronicas, dores steocopas e neuralgias, inflamações visceraes de olhos, ouvidos, nariz, garganta e intestinos, e nas doenças determinadas por saturação mercurial.

### A SALSA TAYUYÁ E MURURÉ

Demanda muito pouco resguardo e pôde ser usada sem que a pessoa interrompa suas occupações; apenas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas e o uso de bebidas alcoolicas.

DEPOSITO — Drogaria Beirão

DE

**Carvalho Leite & C.<sup>a</sup>**

103, RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

**PARÁ**



## Agencia Financial

DE

**PORTUGAL**

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

### Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sedes dos conceellos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

**ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.**

## V.<sup>ta</sup> WENCESLAU GUIMARAES & C.<sup>a</sup>

Commissões e Consignações

IMPORTADORE DE VINHOS

Telegra mas

Caixa do correio

Wenceslau Rio

N.<sup>o</sup> 272

R. General Camara. 17

RIO DE JANEIRO

### Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

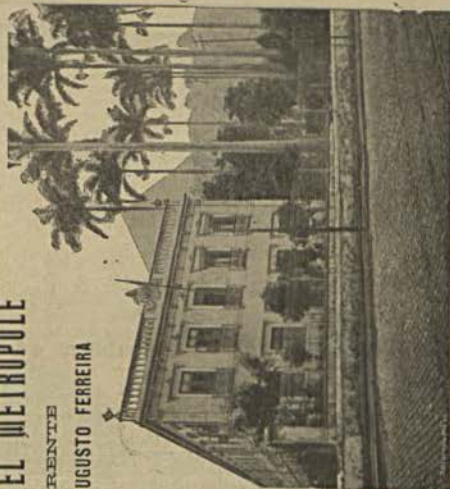
LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2 de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/4 % de 1 a 9 annos. Depósitos — accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 3 1/4 á ordem e 3 1/2 ao prazo de 3 meses; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA — O 99 da Rua Nova de Almeida tem sempre grande sortimento de chapéus para sol ou chuva, em todas as qualidades, assim como botas, sapatos, perfumarias e artigos de modicidade. Fica casa á a primeira de sua genero um sortido bom e por pouco dinheiro.

Reservam viajantes deve dirigir de visitar esse estabelecimento em Lisboa.



GRANDE HOTEL METROPOLE

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O MAIOR da capital, construído de accordo com o clima do paiz e situado nas faldas do Corcovado. Possui todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para familias e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181

410-22 162280





VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

Londres, 1862; Paris, 1867 e Paris 1889 e 1894

ANTIGA CASA

**PORTO** João Eduardo dos Santos  
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMMERCIO Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM  
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

AGENCIA CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de lollões

Castro Matta &amp; Irmão

GASA IMPORTADORA

Commissões e Consignaões

Especialidade em vinhos e azeites  
Portuguezes

ENDER. TELEGR. AIDA

C. do Corrello 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

Encarrega-se de vendas em lollão, de predios, titulos das dividas publicas, geracs e do Estado, terrenos, accões de Bancos e Companhias, Cambios, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer lollões em casas commerciaes, particulares e em sua agencia

4 Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 346

Fabrica S. Gonçalo

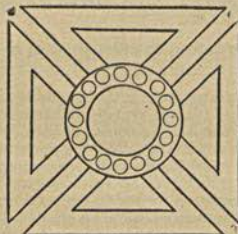
E. DE ANDRADE &amp; C.ª



Chumbo

de

caça



Chumbo

de

caça



QUALIDADE SUPERIOR

Dureza

Perfeição

Egualdade

O MELHOR QUE EXISTE NO MERCADO

Vendas por grosso e a varejo

Pedidos: CAIXA POSTAL 736

Ender. telegr. SATURNO — RIO

18, R. de S. Pedro, 18

RIO DE JANEIRO

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira &amp; C.ª

Sucessores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ &amp; C.ª

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANAOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrae o Vinho VENTURA, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescencas, nas digestões difficis, enfraquecimentos, etc.

Como tonico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignaões

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispoendo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a instalar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MAREIRO